

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
CURSO DE LETRAS

VIVIANE SILVA DE NOVAIS

**USO DOS PRONOMES *MIM* E *EU* NA POSIÇÃO DE SUJEITO EM FRASES
INFINITIVAS INICIADAS PELA PREPOSIÇÃO *PARA*: O QUE PENSAM OS
FALANTES UNIVERSITÁRIOS DO SERTÃO ALAGOANO**

DELMIRO GOUVEIA – AL
2018

VIVIANE SILVA DE NOVAIS

**USO DOS PRONOMES *MIM* E *EU* NA POSIÇÃO DE SUJEITO EM FRASES
INFINITIVAS INICIADAS PELA PREPOSIÇÃO *PARA*: O QUE PENSAM OS
FALANTES UNIVERSITÁRIOS DO SERTÃO ALAGOANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito
parcial para obtenção do título de Graduação em Letras,
sob orientação da Prof.^a Dr.^a Elyne Vitória.

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

N891u Novais, Viviane Silva de

Uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para* : o que pensam os falantes universitários do Sertão Alagoano / Viviane Silva de Novais. – 2018.

68 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Elyne Vitória.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2018.

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Preconceito linguístico.
I. Título.

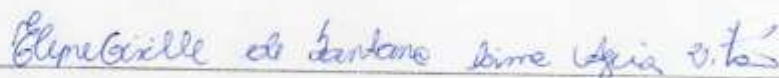
CDU 81'27

Folha de Aprovação

VIVIANE SILVA DE NOVAIS

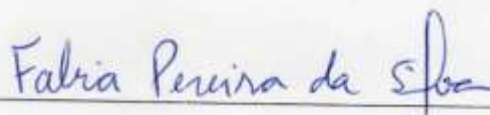
Uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para*: o que pensam os falantes universitários do sertão alagoano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas / Campus do Sertão e aprovado em 05 de julho de 2018.



Profa. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (Orientadora)
UFAL – Campus do Sertão

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Fábria Pereira da Silva (Examinadora Interna)
UFAL – Campus do Sertão



Prof. Dr. Thiago Trindade Matias (Examinador Interno)
UFAL – Campus do Sertão

Dedico este trabalho ao meu irmão, Aduino Novais (*in memoriam*), que sempre torceu por mim e se orgulhou a cada nova conquista. Com humildade, simplicidade e com seu permanente sorriso trabalhou arduamente por toda a família e pelo bem daqueles que amava.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à Nossa Senhora do Rosário, por não só terem me sustentado nos momentos mais difíceis, mas por me guiarem na conquista dos meus sonhos e me mostrarem que TUDO é no tempo Dele;

Agradeço à minha família, nas pessoas do meu pai, seu Nezinho, minha mãe, dona Prazer, meus irmãos: Genivaldo, Messias, Ivan, Sônia, Leninha, Leiliane e Elaine (sem vocês eu não teria chegado até aqui e não seria a caçula mais amada que o mundo já viu). Representando meus queridos sobrinhos, agradeço à Jéssica Maria, por ser reflexo de bondade e amor para mim;

Agradeço a todos os amigos com quem dividi momentos incríveis na vida, em especial a Felipe Eduardo (Novinho), que sempre me apoiou, esteve presente nos momentos mais especiais e me mostrou que eu posso chegar muito longe. A Jonas, por imprimir meus trabalhos e nunca cobrar nada. A Itallo, por sempre oferecer ajuda quando mais preciso. Agradeço também à Iris e à Catharine por cada momento que compartilhamos juntinhas;

À Karol, minha amiga de infância, que é parte de mim há tantos anos. Passamos vergonha juntas e muitos momentos embaraçosos... Foi através dela também que meu amor por livros começou e foi ela quem me mostrou que, mesmo triste, devo aproveitar cada segundo da minha vida;

À amiga mais maravilhosa desse mundo todo, Bianca Neves, por fazer da minha vida uma constante e contínua felicidade! Obrigada por ter sido meu porto seguro em momentos que ninguém mais foi. Obrigada pelos conselhos, apoios e incentivos na conquista dos meus sonhos;

A João Marcos, que, desde agosto de 2017, tem sido a pessoa com quem partilho sonhos, frustrações, tristezas e alegrias. É ele quem me faz rir das coisas mais inúteis e idiotas do mundo (e eu sou muito grata por isso!);

Agradeço aos meus colegas e amigos da UFAL (na pessoa do querido Joel, um ser humano incrível), em especial à minha turma “Os Letreiros”, nas pessoas de Eberton, Mariana, Rakel, Andréia e Rejane, por dividirem junto comigo as felicidades e os choros que a vida acadêmica proporciona;

Agradeço, em especial, a Manoel e Fernanda que, junto comigo, formam o maravilhoso “Trio Sociolinguístico”. Obrigada pela ajuda, apoio, carinho e paciência na UFAL e na vida, vocês são “tops”.

A todos os professores e professoras, em especial aos queridos Thiago, Márcio, Fábria e Murilo, pela dedicação e por contribuírem em minha formação de uma forma tão linda;

Agradeço de forma especial à minha orientadora, Elyne Vitória, que não só me apresentou a Sociolinguística e fez com que eu me apaixonasse pela área, como orientou os rumos da minha pesquisa com (bastante) paciência e total dedicação;

Agradeço a CAPES e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), pelo apoio recebido e pelas experiências que pude adquirir no programa;

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram a chegar até aqui e torcem pelo meu sucesso. MUITO OBRIGADA!

*(...) Hoje longe muitas léguas
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro sertão*

*Espero a chuva cair de novo
Pra mim voltar pro sertão (...)*

Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira

RESUMO

Nesta pesquisa, de cunho sociolinguístico, analisamos o que pensam os falantes universitários do sertão alagoano sobre os usos dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para*. Utilizamos os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística sobre o problema da avaliação (LABOV, 2008[1972]), que busca verificar como os falantes avaliam determinadas formas linguísticas, podendo estas receber valor negativo ou positivo, a depender da comunidade de fala. Para isso, realizamos a coleta de dados através de uma entrevista-questionário aplicada na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) / *Campus* Sertão com vistas a perceber qual avaliação os falantes universitários fazem sobre o fenômeno em estudo. A análise dos dados foi realizada através dos dados obtidos por meio de gráficos que mostram os percentuais de escolha entre uma variante e outra. Além disso, analisamos também as respostas subjetivas dos informantes, de modo a verificar quais valores as variantes *mim* e *eu* recebem nessa comunidade de fala e se há estigmatização com relação ao uso da variante não-padrão *mim*. Assim, de acordo com os resultados obtidos, constatamos que: i) os falantes universitários do sertão alagoano acreditam usar mais o pronome *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para*, especialmente por ela ser contemplada pela gramática normativa; ii) há estereótipos sociais com relação ao uso das variantes *mim* e *eu*, sendo *eu* a forma prestigiada e *mim* a variante estigmatizada pela comunidade de fala; e iii) por receber avaliação negativa, falantes que utilizam o pronome *mim* como sujeito de infinitivas sofrem estigmatização e preconceito linguístico. Para embasamento teórico-metodológico utilizamos Almeida & Carvalho (2013); Bagno (2003;2006;2009;2012;2013), Cegalla (2009), Coelho *et al.* (2010), Figueiredo (2007), Labov (2008), Vitória (2011), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Avaliação; Pronomes *mim* e *eu*; Estigmatização; Preconceito linguístico.

ABSTRACT

In this sociolinguistic research, we analyze what the university speakers of the Alagoano backwoods think about the uses of the pronouns *eu* and *mim* in the subject position in infinitive phrases initiated by the preposition *para*. In order to develop our work, we use the assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change related to the problem of evaluation (LABOV, 2008 [1972]) that seeks to verify how the speakers evaluate certain linguistic forms, which can receive negative or positive value based on the speech community. To do this, we performed the data collection through an interview questionnaire applied at the Federal University of Alagoas (UFAL) / *Campus Sertão* with a view to perceive what evaluation university speakers make about the phenomenon under study. The data analysis was performed using graphs that show us the percentages of choice between one variant and the other. In addition, we've also analyzed the subjective responses of the informants in order to verify what values the variants *eu* and *mim* receive in this speech community and whether there is stigmatization regarding the use of the non-standard variant *mim*. Thus, according to the results obtained, we found that: i) university speakers from the Alagoano backwoods believe that they use the pronoun *eu* in the subject position in infinitive phrases initiated by the preposition *para*, especially since it is contemplated by normative grammar; ii) there are social stereotypes regarding the use of variants *eu* and *mim*, being *eu* the prestigious form and *mim* the variant stigmatized by the speech community; and iii) by receiving negative evaluation, speakers using the pronoun *mim* as subject of infinitives phrases suffer stigmatization and linguistic prejudice.

KEYWORDS: Sociolinguistic; Evaluation; Pronouns *eu* and *mim*; Stigmatization; Linguistic Prejudice.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Os pronomes <i>mim</i> e <i>eu</i> na Língua Latina | 17 |
| Quadro 2 - Pronomes pessoais segundo Cegalla (2008) | 19 |
| Quadro 3 - Pronomes pessoais segundo Vilela & Koch (2001) | 20 |
| Quadro 4 - Os pronomes pessoais segundo Perini (2010) | 22 |
| Quadro 5: Quadro pronominal do PB formal e informal segundo Castilho (2016) | 22 |
| Quadro 6: Pronomes pessoais de 1º pessoas segundo Bagno (2012) | 23 |
| Quadro 7: Cruzamento Sintático segundo Bagno (2005) | 26 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela - Uso de <i>para mim</i> de acordo com a escolaridade | 28 |
| Tabela 2 - Uso de <i>para mim</i> de acordo com a faixa etária | 28 |
| Tabela 3 - Uso de <i>para mim</i> de acordo com sexo/gênero | 29 |
| Tabela 4 - Uso de <i>para mim</i> de acordo com a localidade | 29 |
| Tabela 5 - Uso de <i>para</i> na variação fonética | 29 |
| Tabela 6 - Uso da variante <i>mim</i> na variável faixa etária 1980 e 2000 segundo o PEUL | 31 |
| Tabela 7: Uso das variantes <i>mim</i> , <i>eu</i> e \emptyset na variável escolaridade em 1980 e 2000 segundo o PEUL | 31 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 - Percentuais das variantes <i>mim</i> , <i>eu</i> e \emptyset segundo o PEUL | 30 |
| Gráfico 2 - Cruzamento sexo/gênero e escolaridade para os usos da variante <i>mim</i> nos anos 2000 segundo o PEUL | 32 |
| Gráfico 3 - Percentuais gerais de <i>mim</i> e <i>eu</i> na posição de sujeito em frases infinitivas | 49 |
| Gráfico 4 - Percentual das respostas à questão 1 | 50 |
| Gráfico 5 - Percentuais com relação à questão 2 | 52 |
| Gráfico 6 - Percentuais gerais de escolha das variantes <i>pra eu</i> e <i>pra mim</i> | 53 |
| Gráfico 7 - Percentuais dos resultados correspondentes à questão 3 | 54 |
| Gráfico 8 - Percentual de respostas referentes à questão 4 | 55 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Memes relacionados ao pronome <i>mim</i> no contexto sintático em estudo | 59 |
| Figura 2 – Reação ao uso de “para mim fazer” | 61 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 FENÔMENO EM ESTUDO | 17 |
| 2.1 <i>Mim e eu</i> : a história | 17 |
| 2.2 Os pronomes <i>mim</i> e <i>eu</i> nas gramáticas normativas | 18 |
| 2.3 Os pronomes <i>mim</i> e <i>eu</i> nas gramáticas descritivas | 21 |
| 2.4 O <i>Sujeito</i> segundo as gramáticas normativas e descritivas | 24 |
| 2.5 O fenômeno em análise à luz dos estudos sociolinguísticos | 25 |
| 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA | 33 |
| 3.1 Linguística: a ciência da linguagem | 33 |
| 3.2 A Sociolinguística Variacionista | 35 |
| 3.3 Metodologia da pesquisa | 43 |
| 3.3.1 Objetivos e hipóteses da pesquisa | 43 |
| 3.3.2 Coleta dos dados | 44 |
| 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS | 46 |
| 4.1 O fenômeno em estudo no Lusa: dados de produção | 46 |
| 4.2 O fenômeno em estudo: dados de percepção | 48 |
| 4.3 Uso do <i>mim</i> como sujeito de orações infinitivas: estigmatização e preconceito linguístico na sociedade | 57 |
| 4.3.1 “É feio dizer ‘para mim fazer’”: Preconceito linguístico ou social? | 58 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 63 |
| 6 REFERÊNCIAS | 66 |

1 INTRODUÇÃO

A língua tem sido objeto de estudo de diversos teóricos para o desenvolvimento de pesquisas e análises que colaborassem para a compreensão da linguagem verbal humana em diversas áreas do conhecimento científico. Ao longo dos anos, os estudos sobre a língua foram ampliados, de modo a tentar compreender, por exemplo, como ela se estrutura em sua parte interna (SAUSSURE, 2006 [1916]); se ela é um sistema inato aos seres humanos (CHOMSKY, 1950); e se o fator social e as comunidades de fala interferem em seu uso (LABOV, 2008 [1972]).

Tomando como base os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, compreendemos que a língua – enquanto fator social, heterogênea e propensa à variação e à mudança – é parte dos processos e das relações humanas na sociedade. Em vista disso, por ser falada por pessoas diferentes que moram em comunidades distintas e pertencem a diversas culturas, ela apresenta determinadas formas linguísticas que estão presentes a todo momento na fala dos sujeitos. Nesse sentido, no Português Brasileiro, muitas são as variações encontradas na língua em uso, especialmente pelo fato de o Brasil abarcar várias regiões culturalmente diferentes em todo seu território.

Desse modo, por haver diversas formas de usar a língua, foram construídos sócio-historicamente mitos e preconceitos com relação ao seu uso, tendo por base o que está posto na gramática normativa. Para o senso comum, existe uma língua “certa” e outra “errada”. Além disso, falantes que utilizam determinadas formas linguísticas que não são consideradas pela gramática normativa tendem a ser ridicularizados, estigmatizados e discriminados.

Nesse sentido, pesquisas sociolinguísticas no campo da variação têm nos ajudado a compreender e defender a ideia de que formas linguísticas não contempladas pelas gramáticas normativas não devem ser consideradas erradas e falantes que as utilizam não são “ignorantes” e muito menos pessoas que “não sabem falar português” (cf. BAGNO, 2009).

Em vista disso, através da disciplina *Teoria Linguística 2* – ministrada pela professora Elyne Vitória, durante o 4º período do curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) / *Campus Sertão* – surgiu nosso interesse em realizar esta pesquisa tendo por base os pressupostos labovianos sobre a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008[1972]). Essa área de pesquisa, além de buscar compreender a relação entre língua e sociedade, leva-nos a reconhecer que, de fato, não existem “erros”, mas variação.

Compreendemos, portanto, que há diferentes formas de dizer alguma coisa e essas diferenças nada tem a ver com ignorância ou que determinados sujeitos não sabem usar a sua própria língua.

Nossa intenção inicial era realizar um trabalho a partir do banco de dados do LUSA (A Língua Usada no Sertão Alagoano), projeto desenvolvido na UFAL / *Campus Sertão* e coordenado pela professora Elyne Vitória. Tomando como base outros trabalhos desenvolvidos a partir do LUSA (cf. FIRMINO 2017; RODRIGUES, 2018; SILVA, 2017; e SIQUEIRA, 2018) e diante de diversas pesquisas já realizadas no campo sociolinguístico sobre fenômenos variáveis no Português Brasileiro, nosso desejo era realizar um estudo sobre algum fenômeno linguístico ainda não analisado, visando ampliar as pesquisas sociolinguísticas no sertão alagoano.

Desta maneira, selecionamos o fenômeno de variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para*, visando, através do Lusa, analisar se, na fala dos sertanejos alagoanos, há essa variação linguística. Entretanto, as ocorrências do fenômeno foram poucas, fator que contribuiu para que não desenvolvêssemos toda a pesquisa com esses dados. Sendo assim, optamos por desenvolver nosso trabalho sobre o problema da avaliação (LABOV, 2008[1972]) de modo a analisar como os falantes universitários do sertão alagoano avaliam o uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição sintática em estudo.

A coleta dos dados necessários para o desenvolvimento de nossa pesquisa foi desenvolvida na UFAL / *Campus Sertão* a partir de uma entrevista-questionário aplicada para os falantes universitários em abril de 2018. Nossa amostra resultou em um total de 70 informantes, porém apenas 56 foram considerados para esta pesquisa, visto que nem todos nasceram e moram no sertão de Alagoas e outros não responderam a todas as perguntas presentes no questionário. Para a análise dos dados, apresentamos o percentual de escolha entre uma variante e outra através de gráficos. Além disso, analisamos também as respostas subjetivas dos informantes, buscando responder à seguinte questão: *tendo em vista que a variante “mim”, como sujeito de infinitivas, não é considerada pelas gramáticas normativas, há estigmatização com relação ao seu uso nesse contexto sintático específico?*

Desse modo, nossa pesquisa buscou responder a alguns problemas, tais como: i) o que os falantes universitários do sertão alagoano pensam sobre o uso das variantes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para*?; ii) com relação à

contração da preposição *para* > *pra*, essa variação fonética interfere na escolha entre uma variante a outra?; iii) há estereótipos sociais sobre o uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas?

Para responder a essas questões, apresentamos as seguintes hipóteses: i) partindo do pressuposto de que os falantes universitários são sujeitos escolarizados e que tiveram/têm acesso à norma padrão da língua, a variante *eu* é a mais selecionada pelos informantes, visto que *mim* é uma forma não-padrão; ii) a contração de *para* > *pra* interfere na escolha de uma variante a outra; iii) há a marcação de estereótipos sociais sobre o uso dos pronomes em análise, tendo em vista que os falantes tendem a prestigiar formas padrão – presentes na gramática normativa – e estigmatizar variantes não-padrão.

Nesta pesquisa, não buscamos apenas mostrar dados percentuais sobre a escolha dos informantes entre uma variante a outra, mas refletir sobre essas escolhas através das respostas subjetivas dadas por eles. A partir disso, podemos, portanto, pensar como a estigmatização contra sujeitos que usam formas linguísticas não-padrão foi e continua sendo disseminada nos diversos espaços, inclusive nas redes sociais virtuais com o advento da internet, resultando no que conhecemos como *preconceito linguístico*.

Desta forma, acreditamos que nosso estudo é importante para pesquisas sociolinguísticas, especialmente aquelas que se direcionam ao problema da avaliação social feita pelos falantes. Além disso, esta pesquisa pode contribuir para novas reflexões sobre os estereótipos construídos sócio-historicamente com relação à variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas antecedidas pela preposição *para*.

Nosso trabalho está organizado em cinco seções. Vejamos, a seguir, como está estruturada cada uma delas:

Nesta primeira seção, realizamos uma apresentação sucinta de nossa pesquisa. Mostramos o desenvolvimento dos estudos linguísticos e, tomando como base a Sociolinguística Variacionista, apresentamos a visão de língua que adotamos neste trabalho: heterogênea, variável, social e propensa à mudança. Assim, expomos o que nos levou a realizar esta pesquisa, a metodologia utilizada, os problemas, as hipóteses e os objetivos a serem alcançados.

Na segunda seção, apresentamos o percurso histórico dos pronomes em estudo. Em seguida, mostramos como se estruturam os pronomes pessoais nas gramáticas normativas e

descritivas do Português Brasileiro. Por fim, observamos, através de um levantamento bibliográfico, o que dizem as pesquisas sociolinguísticas sobre nosso fenômeno em estudo.

Na seção três, apresentamos uma abordagem teórico-metodológica sobre algumas teorias que antecederam os pressupostos sociolinguísticos. Feito isso, mostramos como se desenvolveu os estudos acerca da Teoria da Variação e Mudança Linguística, focando no problema da avaliação, visto que nos baseamos nele para desenvolver nosso estudo. Em seguida, apresentamos os problemas e hipóteses da pesquisa, além dos objetivos e da metodologia utilizada na realização da coleta dos dados para o trabalho.

Na quarta seção, realizamos algumas considerações sobre o banco de dados do Lusa e as ocorrências que encontramos com relação à variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas. Em seguida, para confirmar ou refutar nossas hipóteses iniciais, analisamos os dados de nossa coleta através da entrevista-questionário realizada com os falantes universitários do sertão alagoano. Além disso, através das respostas subjetivas dos informantes, refletimos sobre o processo de estigmatização social com relação ao uso da variante não-padrão *mim* no contexto sintático analisado. Assim, tendo em vista que um dos nossos objetivos neste trabalho é refletir sobre os resultados alcançados, nesta seção específica, apresentamos um subtópico com algumas considerações acerca da problemática do *preconceito linguístico* disseminado na sociedade de forma natural, especialmente através da internet com a propagação de imagens ofensivas com mensagens preconceituosas contra falantes que utilizam a variante não padrão *mim* como sujeito de infinitivas.

Por fim, na quinta e última seção, apresentamos nossas considerações finais com relação ao fenômeno em estudo e aos dados que nos possibilitaram desenvolver esta pesquisa e as reflexões obtidas através de nossa análise.

Mediante o exposto, esperamos que esta pesquisa possa contribuir com os estudos sociolinguísticos futuros, de modo a ampliar e redirecionar novas análises sobre a variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para*, seja com relação ao problema da avaliação ou sobre outras perspectivas de estudo.

2 FENÔMENO EM ESTUDO

Para que possamos apresentar os dados obtidos através desta pesquisa sobre a avaliação que os falantes universitários do sertão alagoano fazem sobre o uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas por *para*, apontamos a seguir um breve percurso histórico, obtido por meio de estudos-base do nosso trabalho, sobre o uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito. Apresentamos, ainda, uma explanação sobre o que dizem as gramáticas - normativas e descritivas – em relação aos pronomes *mim* e *eu*. Além disso, mostramos a definição de *sujeito* de acordo com diferentes gramáticas. Por fim, discorreremos sobre o fenômeno em estudo, tendo como base pesquisas sociolinguísticas.

2.1 *Mim* e *eu*: a história

O português, assim como as demais línguas românicas, originou-se do latim vulgar propagado pelos soldados romanos no processo de conquista e expansão territorial de Roma. Sendo assim, muitas palavras e termos do Português Brasileiro (doravante PB) são de origem latina, além de muitos elementos gramaticais, dentre eles: os pronomes.

Nesse sentido, Figueiredo (2007) considera que o latim possuía uma forma própria de tratar os pronomes e que estes eram utilizados e flexionados a partir da função sintática que exerciam. Segundo o autor, “o pronome ‘eu’ tem sua origem latina na forma *eo* (nominativo) por *ego* no latim clássico. O pronome ‘mim’, por sua vez, tem sua origem latina na forma *mi* (dativo) por *mihi* no latim clássico.”¹ (p. 16), como podemos observar no gráfico 1:

Quadro 1: Os pronomes *mim* e *eu* na Língua Latina

| Latim clássico | Latim vulgar | Português |
|----------------|--------------|-----------|
| Ego | Eo | Eu |
| Mihi | Mi | Mim |

Fonte: elaborado pela autora

¹ O caso *nominativo* no Latim corresponde ao *sujeito* da oração no PB. O caso *dativo*, por sua vez, corresponde ao *objeto indireto* e ao *complemento nominal* no PB.

Entretanto, no uso real da língua latina, os pronomes pessoais tendiam a ser usados de acordo com a vontade dos falantes, ou seja, não havia preocupação em encaixá-los da maneira que as regras propunham e, ainda, poderiam desempenhar várias funções. Nesse sentido, já havia, no próprio latim, o uso do pronome *mim* (dativo) em posição de sujeito em detrimento a *eu* (nominativo), resultando, portanto, na variação linguística. (cf. FIGUEIREDO, 2007)

Nesse sentido, no PB, mesmo com todas as transformações ocorridas ao longo do tempo, a herança que nos foi dada pelo latim vulgar permanece viva. O uso do pronome *mim* na posição de sujeito – no lugar de *eu* – tem sido cada vez mais frequente, como podemos ver nos exemplos a seguir:

- (1) Fizeram o possível para *mim* ir lá.
- (2) Isso é para *mim* fazer.
- (3) Mandaram os livros para *mim* entregar.

Desse modo, veremos a seguir como os pronomes *mim* e *eu* estão postos nas gramáticas normativas e descritivas. Além disso, veremos também a definição de sujeito que encontramos nas diversas gramáticas.

2.2 Os pronomes *mim* e *eu* nas gramáticas normativas

As gramáticas normativas (doravante GN) – também chamadas de gramáticas de norma-padrão – são aquelas que prescrevem como a língua *deve* ser usada. As regras postas nesses compêndios gramaticais são normas para o falar e escrever bem². Nesse sentido, veremos a seguir o que diz a GN sobre os pronomes *mim* e *eu*. Para isso, utilizamos Almeida (2009), Bechara (2009), Cegalla (2008), Cunha & Cintra (2008) e Vilela & Koch (2001).

Com relação aos pronomes, Bechara (2009, p. 162) afirma que essa “é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que refere a um significado

² Nosso objetivo com essa afirmação não é reforçá-la – visto que não compartilhamos com essa ideia – mas expor como as regras gramaticais normativas são vistas por um grande número de gramáticos (e pelo senso comum). Além disso, acreditamos que essa é, de fato, sua função, tendo em vista que a GN não está preocupada em abordar fenômenos encontrados na língua em uso.

léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.” Cegalla (2008, p. 179), por sua vez, diz que “pronomes são palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso”, ou seja, com quem se fala ou de quem se fala. Encontramos, ainda, em Cunha & Cintra (2008, p. 289), que “os pronomes desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais”. Desse modo, vejamos no quadro 2 como estão postos os pronomes de acordo com Cegalla (2008):

Quadro 2: Pronomes pessoais segundo Cegalla (2008)

| Pessoas do discurso | Pronomes retos Função subjetiva | Pronomes oblíquos Função objetiva |
|----------------------------|--|--|
| 1º pessoa do singular | Eu | me, mim, comigo |
| 2º pessoa do singular | Tu | te, ti, contigo |
| 3º pessoa do singular | ele/ela | se, si, consigo, lhe, o, a |
| 1º pessoa do plural | Nós | nos, conosco |
| 2º pessoa do plural | Vós | vos, convosco |
| 3º pessoa do plural | eles/elas | se, si, consigo, lhes, os, as |

Fonte: Cegalla (2008, p. 180)

Na gramática de Vilela & Koch (2001, p. 211), vemos que “a própria designação PRO-NOMEN aponta para o valor ‘relação’ entre esta categoria gramatical e o nome (ou substantivo).” Os autores afirmam, ainda, algumas características para os pronomes:

- (normalmente) são flexionáveis (gênero e número),
- não são comparáveis,
- são elementos que ganham peso denotacional na referencialidade do texto ou situação

(VILELA & KOCH, 2001, p. 211)

Vejamos no quadro 3 os pronomes segundo Vilela & Koch (2001):

Quadro 3: Pronomes pessoais segundo Vilela & Koch (2001)

| Pessoa | Sujeito | Objeto direto | Objeto indireto |
|-----------|---------|---------------|---------------------|
| Singular: | 1º | eu | me, (a) mim |
| | 2º | tu | te, (a) ti |
| | 3º | ele/ela | lhe, (a) ele/ela |
| Plural: | 1º | nós | nos, (a) nós |
| | 2º | vós | vos, (a) vós |
| | 3º | eles/elas | lhes, (a) eles/elas |
| | | | se |

Fonte: Vilela & Koch (2001, p. 211)

Nesse sentido, podemos perceber que o quadro pronominal do PB nas gramáticas acima citadas está estruturado de forma semelhante. O pronome *eu* é a primeira pessoa do singular do caso reto e o pronome *mim* corresponde também à primeira pessoa do singular, mas faz parte do caso oblíquo. Sendo assim, espera-se que esses pronomes sejam usados de acordo com a função sintática que desempenham na oração, ou seja, *eu* exerce a função de sujeito na oração, enquanto *mim* toma o lugar de complemento (objeto indireto), como podemos verificar nos exemplos a seguir:

(4) Esse livro é *para eu* ler.

(5) Esse livro veio *para mim*.

Entretanto, no uso real da língua, os falantes tendem a utilizar o *mim* como sujeito em orações infinitivas. Pesquisas linguísticas têm constatado que a construção *para + mim + infinitivo* não está presente apenas nas variedades consideradas menos cultas, mas são encontradas também na variedade culta da língua, embora ainda haja estigmatização com realização a esse uso. (cf. BAGNO, 2006).

Figueiredo (2007), colabora com nossa discussão ao afirmar que

a construção *para mim fazer* tem sido alvo de atenção de diversos gramáticos e linguistas nos últimos tempos. A gramática normativa afirma, mais uma vez

arbitrariamente, que a forma *eu* é a única capaz de assumir a posição de sujeito desta construção, criticando ferozmente a presença do *mim* na mesma. (FIGUEIREDO, 2007, p. 14 – grifos do autor).

Essa postura de definir apenas o uso do *eu* como sujeito de infinitivas se encontra também em Almeida (2009, p. 172), que “no Brasil, até mesmo nos doullos, comete-se na conversação o comezinho **erro** de dar para objeto indireto o pronome do caso reto” (grifo nosso). Ou seja, o autor reforça a ideia de que é “errado” fazer uso de *mim* na posição de sujeito, pois este é um pronome oblíquo e, segundo a GN, não deve assumir essa função. Inclusive, ouvimos com bastante frequência a frase “mim não conjuga verbo” que, além de contribuir para o preconceito linguístico, nada explica sobre esse fenômeno.

Desse modo, podemos perceber que há certo distanciamento entre o que diz a GN e o que de fato os falantes utilizam no dia a dia, considerando que é comum encontrarmos construções em que *mim*, precedido da preposição *para*, ocupa posição de sujeito em frases infinitivas. Vemos, portanto, que apenas o que está prescrito na GN não abrange todos os fatos linguísticos, especialmente no que se refere aos fenômenos variáveis.

2.3 Os pronomes *mim* e *eu* nas gramáticas descritivas

As gramáticas descritivas (doravante GD), diferentemente das normativas, não possuem a intenção de prescrever regras para o bom uso da língua ou em apontar erros. Elas têm por objetivo descrever a língua em uso, tendo uma teoria linguística como base, de modo a abordar tanto a língua escrita quanto a falada. Segundo afirma Perini (2010), o objetivo de uma GD “é descrever como é o PB, não como prescrever formas certas e proibir formas erradas. Para nós, ‘certo’ é aquilo que ocorre na língua.”

Vejamos a seguir o quadro pronominal do PB segundo Perini (2010).

Quadro 4: Os pronomes pessoais segundo Perini (2010)

| <u>Forma reta</u> | <u>Forma oblíqua</u> |
|-------------------|--------------------------|
| eu | me, mim, -migo |
| você, (tu) | te, (-tigo), (ti), (lhe) |
| ele, ela | — |
| nós | nos, -nosco |
| vocês | — |
| eles, elas | — |
| — | se [reflexivo] |

Fonte: Perini (2010, p. 116)

Na gramática de Castilho (2016), encontramos o quadro pronominal dividido entre o PB informal e o PB formal, como podemos ver a seguir:

Quadro 5: Quadro pronominal do PB formal e informal segundo Castilho (2016)

| PESSOA | PB FORMAL | | PB INFORMAL | |
|---------------|--------------------------------------|--|--------------------|--|
| | Sujeito | Complemento | Sujeito | Complemento |
| 1º pessoa sg. | <i>eu</i> | <i>me, mim, comigo</i> | <i>eu, a gente</i> | <i>eu, me, mim, Prep + eu, mim</i> |
| 2º pessoa sg. | <i>tu, você, o senhor, a senhora</i> | <i>te, ti, contigo. Prep + o senhor, com a senhora</i> | <i>você/ocê/tu</i> | <i>você/ocê/cê. te, ti, Prep + você/ocê (= docê, cocê)</i> |
| 3º pessoa sg. | <i>ele, ela</i> | <i>o/a, lhe, se, si, consigo</i> | <i>ele/ei, ela</i> | <i>ele, ela, lhe, Prep + ele, ela</i> |
| 1º pessoa pl. | <i>nós</i> | <i>nos, conosco</i> | <i>a gente</i> | <i>a gente, Prep + a gente</i> |

| | | | | |
|---------------|--|---|-----------------------|--|
| 2º pessoa pl. | <i>vós, os senhores, as senhoras</i> | <i>vos, convosco, Prep + os senhores, as senhoras</i> | <i>vocês/ocês/cês</i> | <i>vocês/ocês/cês, Prep + vocês/ocês</i> |
| 3º pessoa pl. | <i>eles, elas</i> | <i>os/as, lhes, se, si, consigo</i> | <i>eles/eis, elas</i> | <i>eles/eis, elas, Prep + eles/eis, elas</i> |

Fonte: Castilho (2016, p. 477)

Podemos notar, portanto, que no que concerne aos pronomes *mim* e *eu*, o quadro não se altera nas GDs mostradas, tendo em vista que o *mim* é pronome do caso oblíquo e o *eu*, do caso reto. Nesse sentido, o pronome *mim* continua exercendo a função de objeto indireto como também afirma a GN. Nesse sentido, podemos inferir que isso acontece por dois motivos: i) por ser o pronome *eu* um variante padrão, as GDs seguem assumindo a mesma posição das GNs; e ii) não houve estudos acerca do uso dos pronomes *mim* e *eu* como sujeito de infinitivas para que se alterasse o quadro pronominal nas GDs.

Entretanto, na *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, Bagno (2012) aborda os pronomes de forma diferente. O autor considera o pronome *mim* como sendo uma forma possível de uso para exercer a função de sujeito no PB. Vejamos detalhadamente no quadro 6:

Quadro 6: Pronomes pessoais de 1º pessoa segundo Bagno (2012)

| INDICADORES DA 1ª PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO | | | | | | | | | |
|--|---------|-------------|--------|-----------------|--------------|-----------|-------|---------------------|-----------|
| SUJEITO | | OBJ. DIRETO | | OBJETO INDIRETO | | REFLEXIVO | | COMPLEMENTO OBLÍQUO | |
| sing. | plural | sing. | plural | sing. | plural | sing. | plur. | sing. | plural |
| Eu | Nós | Me | Nos | Me | Nos | Me | Nos | Mim | (comigo) |
| Me | A gente | Eu | Nós | A mim | A nós | | Se | Nós | (conosco) |
| Mim | | | | Para mim | Para nós | | | Eu | A gente |
| | | | | Para eu | Para a gente | | | | |

Fonte: Bagno (2012, p. 743)

Vemos que Bagno (2012) inclui no quadro pronominal o *mim* junto com as formas *eu* e *me*, ambos podendo exercer a função de sujeito em sentenças do PB. Além disso, o autor diz ainda que “a forma *mim* exerce a função de *sujeito de verbos no infinitivo* quando antecede da preposição *para*” (BAGNO, 2012, p. 743 – grifos do autor).

Portanto, notamos que o pronome *mim* está sendo abordado como possibilidade de uso em posição de sujeito – como em Bagno (2012) – mesmo que a passos lentos. Esse fator nos auxilia na compreensão do fenômeno em estudo e contribui para demais pesquisas linguísticas da área que focalizam a variação entre *mim* e *eu* nesse contexto sintático analisado.

2.4 O Sujeito segundo as gramáticas normativas e descritivas

Nas GNs, o *sujeito*, considerado um termo essencial da oração, é apresentado de forma semelhante nos compêndios. Em Cegalla (2008, p. 324), por exemplo, encontramos que o “sujeito é o ser do qual se diz alguma coisa”. Almeida (2009, p. 410), diz que o sujeito é “a pessoa ou coisa sobre a qual se faz alguma declaração”. Encontramos, ainda, que o sujeito pode ser:

- a) um *pronome*: “*Ele* é estudioso”
 - b) qualquer *palavra substantivada*: “*Assaz* é advérbio” – “O *amanhecer* do trabalho há de antecipar-se ao amanhecer do dia”
 - c) uma *frase de sentido incompleto*: “*Trabalho e honra* dever ser lema de todos nós”
 - d) uma oração: “É bom que ele vá ao Rio”
verbo predicativo sujeito
- (ALMEIDA, 2010, p. 411 – grifos do autor)

Entretanto, essas definições em determinadas sentenças tornam-se incoerentes. Vejamos alguns exemplos:

(6) A Maria comeu o bolo.

(7) O bolo, a Maria comeu.

Se o sujeito da oração é o termo sobre o qual se diz algo, a frase (6) está coerente, pois diz que o sujeito (Maria) comeu o bolo. Entretanto, no exemplo (7), o termo sobre o qual a oração está se referindo já não é mais o sujeito (a Maria), mas sim ao objeto direto (o bolo),

mudando apenas a posição dos termos na sentença. Desse modo, podemos notar que as definições para o sujeito das GNs, em determinadas orações, não se aplicam.

Entretanto, em Bechara (2009, p. 409), o sujeito é “a unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para construir uma oração”. Podemos notar que há, portanto, uma mudança na definição do sujeito, talvez uma tentativa de abarcar as várias possibilidades de ocorrência em diferentes sentenças da língua em uso.

Nas GDs, encontramos outras definições para o sujeito. Em Perini (2009, p. 77), o sujeito “é o termo da oração que está em relação de concordância com Ndp”.³ Nesse sentido, vemos que o sujeito não é mais considerado como uma pessoa ou coisa das quais a oração se refere, mas uma unidade de concordância com o predicado da frase, uma forma de adequar a definição às diferentes construções oracionais do PB.

Em Castilho (2016, p. 289), vemos que o sujeito “tem as seguintes propriedades: (i) é expresso por um sintagma nominal; (ii) figura habitualmente antes do verbo; (iii) determina a concordância do verbo; (iv) é pronominalizável por *ele*; e (v) pode ser elidido”. Podemos perceber, portanto, que essa definição objetiva abranger não somente algumas construções, mas diversas possíveis na língua em uso, como a construção de tópico em (7).

Desse modo, vemos que a definição tradicional para sujeito não ganha mais espaço nas GDs, tendo em vista que tanto Perini (2009) quanto Castilho (2016) abordam esse termo de forma mais abrangente, visando dar conta das diversas sentenças possíveis no PB.

2.5 O fenômeno em análise à luz dos estudos sociolinguísticos

Os estudos sociolinguísticos que se voltam para a variação entre os pronomes *mim* e *eu* em posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas por *para* nos ajudam a refletir e analisar esse fenômeno na língua em uso. Desse modo, em algumas variedades do PB é possível observar que há a predominância do pronome *mim* em posição de sujeito em detrimento ao pronome *eu*. Entretanto, o resultado varia com relação a algumas variáveis sociais como escolaridade e faixa etária.

³ Núcleo do predicado.

Bagno (2006) é um dos pesquisadores que se ateuve a analisar o fenômeno que nos propomos a analisar e contribui significativamente com nosso estudo. No livro *A língua de Eulália*, o autor expõe que o uso do pronome *mim* como sujeito de frases infinitivas é comum no Brasil e é usado inclusive na variedade culta da língua, mesmo que as GNs sejam categóricas ao afirmar que o pronome *mim* não deve exercer essa função.

Para explicar esse fenômeno, Bagno (2006) formulou três hipóteses. A primeira delas diz respeito ao que o autor chamou de *Cruzamento Sintático*. Vejamos:

A primeira hipótese tenta explicar essa construção atribuindo-a a um *cruzamento sintático*.

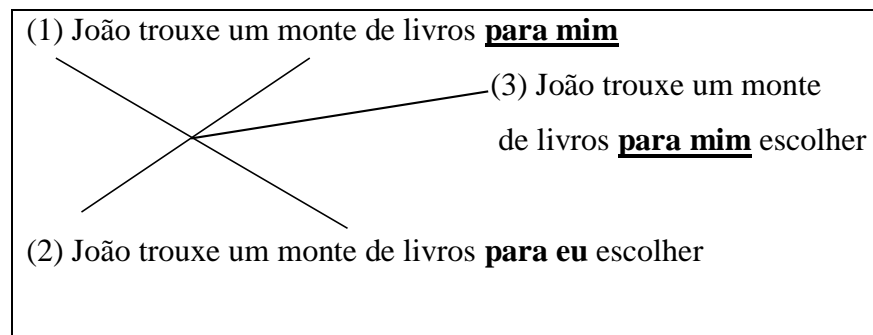
(1) João trouxe um monte de livros para mim.

(2) João trouxe um monte de livros para eu escolher.

Na tentativa de dizer as duas coisas num enunciado só, o falante cruza as duas frases e obtém uma terceira, que é algo assim como uma síntese, um resumo das informações contidas nas duas anteriores. (BAGNO, 2006, p. 180 – grifo do autor)

Desse modo, vejamos a terceira construção, resultado do cruzamento entre as duas primeiras trazidas pelo autor:

Quadro 7: Cruzamento Sintático segundo Bagno (2006)



Fonte: Bagno (2006, p. 181)

Podemos observar, portanto, que a ideia de cruzamento, citada pelo autor, indica que os falantes fazem uso de duas possibilidades em uma única vez. Seria, desse modo, uma soma das duas variantes: *para mim* + *para eu* escolher = *para mim* escolher.

Vejamos a segunda hipótese citada por Bagno (2006), denominada *Ganha quem chegar primeiro*:

João trouxe um monte de livros para [] escolher.

Na produção desse enunciado, quem aparece primeiro, na fala, é a preposição *para*. Ora, existe uma regra na língua que diz: “depois de preposição, pronome oblíquo”. Também existe uma outra regra que diz: “na função de sujeito de um verbo, o pronome

deve figurar no caso reto”. São duas regras para serem obedecidas. A qual delas o falante vai obedecer? A que veio primeiro, à que foi acionada em primeiro lugar. (BAGNO, 2006, p.182)

Nessa segunda hipótese, podemos ver que há duas regras presentes nas GNs: a primeira é sobre utilizar pronome oblíquo após uma preposição (nesse caso, *para* é uma preposição, portanto o *mim* seria aceitável); a segunda diz respeito ao uso do pronome de caso reto em posição de sujeito (também aceitável no exemplo citado pelo autor). Nesse sentido, qualquer uma das formas poderia se encaixar na frase “João trouxe um monte de livros para [mim/eu] escolher”. Ainda sobre essa hipótese, Bagno (2006, p. 182) diz que “a preposição *para*, por ter chegado primeiro, pôde empurrar para dentro do espaço vago o pronome *mim*, que ela rege”.

Vejamus a terceira e última hipótese denominada pelo autor de *Deslocamentos possíveis*:

Existem situações em que o *para mim* aparece diante de um infinitivo sem que isso constitua um “erro” do ponto de vista da norma-padrão.

(4) É muito difícil **para mim** fazer isso sozinho.

A primeira vista, parece que essa frase contém um “erro”, não é? Mas é fácil provar que ela não está desrespeitando nenhuma regra da norma-padrão. Basta a gente retirar o PARA MIM do lugar onde ele está e deslocá-lo ao longo do enunciado. Vamos ver que ele se encaixa direitinho em outros lugares:

(4a) **Para mim** é muito difícil fazer isso sozinho.

(4b) É **para mim** muito difícil fazer isso sozinho.

(4c) É muito difícil fazer isso sozinho **para mim**.

O que acontece aqui é que o infinitivo *fazer* é o sujeito da oração *é muito difícil*. Mas para quem ouve a frase (4) enunciada num ritmo normal pode parecer que *mim* é que é o sujeito do infinitivo fazer... Aqui, o *para mim* tem o sentido de “na minha opinião”, “no que me diz respeito”. Agora vejam só o que acontece com outro enunciado que usa as mesmas palavras de (4):

(5) Isso é muito difícil **para mim** fazer sozinho.

Se tentarmos deslocar o PARA MIM como fizemos em (4), vamos obter o seguinte:

(5a) ***Para mim** isso é muito difícil fazer sozinho.

(5b) *Isso é **para mim** muito difícil fazer sozinho.

(5c) *Isso é muito difícil fazer sozinho **para mim**.

Em (5), é impossível separar o PARA MIM do verbo FAZER. Nesse enunciado, o *para mim* nada tem a ver com “na minha opinião”. Os falantes cultos, no entanto, reconhecendo que enunciados do tipo (4) estão de acordo com a norma-padrão, generalizam essa possibilidade de ocorrência de PARA MIM + INFINITIVO e passam a aplicar essa regra em todos os enunciados aparentemente semelhantes. Afinal, a única diferença aparente entre (4) e (5) é o arranjo das palavras, a ordem que elas ocupam no enunciado. (BAGNO. 2006, p. 184-185 – grifos do autor).

Desse modo, podemos observar que autor não seleciona uma ou outra, mas utiliza ambas como possibilidades para explicar o fenômeno, embora seja importante destacarmos que não há comprovação ou base científica para tais hipóteses. Bagno (2012) diz, ainda, que

poderíamos então dizer que *para mim + infinitivo* está a meio caminho de se tornar um traço gradual e de, em breve, não provocar mais a rejeição dos falantes urbanos

mais letrados, que se queixam de que elas lhes “dói no ouvido”. É claro que essa dor só é sentida porque alguém, algum dia, provavelmente em sala de aula, frisou o caráter “errado” da construção – afinal, esses mesmos falantes letrados usam diversas construções não referendadas pela tradição gramatical sem se queixar de dor alguma... (BAGNO, 2012, p. 729 – grifos do autor)

Almeida & Carvalho (2013) nos trazem resultados quantitativos de uma pesquisa, realizada em Feira de Santana – Bahia, que apresenta a ocorrência de *mim* em posição de sujeito iniciada pela preposição *para*. Segundo as autoras, “das trinta e quatro (34) ocorrências nessa posição, nove (9) correspondem à utilização de *para mim* ao invés de *para eu* como sugerido pelas gramáticas normativas, ou seja, os casos nos quais aparece a norma não-padrão representam 26,5% do total” (p. 02).

Para explicar esse resultado, as autoras selecionaram as variáveis que condicionam os usos das variantes, como faixa etária, sexo/gênero, escolaridade e localidade.

Nas tabelas a seguir podemos ver os resultados do fenômeno analisado pelas autoras de acordo com as variáveis sociais selecionadas por elas:

Tabela 1: Uso de *para mim* de acordo com a escolaridade

| | Ocorrências | |
|--------------|-------------|-----|
| | | % |
| Alfabetizado | 9/31 | 29% |
| Analfabeto | 0/3 | 0% |

Fonte: Carvalho & Almeida (2013, p. 03)

Tabela 2: Uso de *para mim* de acordo com a faixa etária

| Faixa etária | Ocorrências | |
|--------------|-------------|-------|
| | | % |
| Faixa 1 | 2/18 | 11.1% |
| Faixa 2 | 3/6 | 50% |
| Faixa 3 | 4/10 | 40% |

Fonte: Carvalho & Almeida (2013, p.02)

Tabela 3: Uso de *para mim* de acordo com sexo/gênero

| Sexo/gênero | Ocorrências | |
|-------------|-------------|--|
| | % | |
| | 7/16 | |
| Feminino | 43.8% | |
| | 2/18 | |
| Masculino | 11.1% | |

Fonte: Carvalho e Almeida (2013, p. 02)

Tabela 4: Uso de *para mim* de acordo com a localidade

| | Ocorrências | |
|--------|-------------|--|
| | % | |
| | 7/14 | |
| Urbano | 50% | |
| | 2/20 | |
| Rural | 10% | |

Fonte: Carvalho e Almeida (2013, p. 03)

Esses resultados apontam que o uso de *para mim* em posição de sujeito de frases infinitivas é mais frequente entre os falantes alfabetizados – 29%, entre os falantes da Faixa 2 – 50%, entre os falantes do sexo feminino – 43,8% e entre os falantes que pertencem à área urbana – 50%, o que parece indica que não há estigma no uso dessa variante.

Ainda na pesquisa realizada pelas autoras, foi observado também a variação fonética da preposição *para*, único fator linguístico analisado, apontando um percentual maior de uso da forma *pra* - 28,1%, como podemos observar na tabela a seguir:

Tabela 5: Uso de *para* na variação fonética

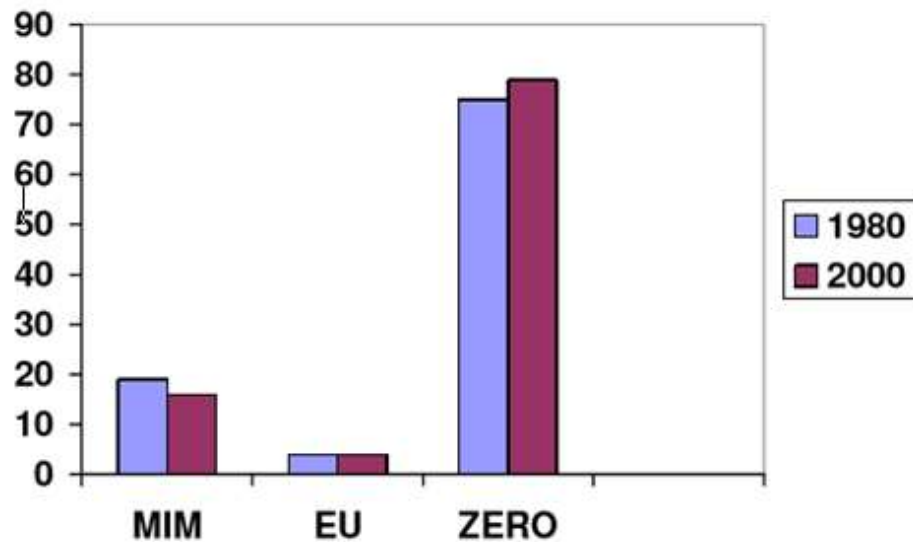
| | Ocorrências | |
|-----|-------------|--|
| | % | |
| | 9/32 | |
| Pra | 28.1% | |
| | 0/2 | |
| Pa | 0% | |

Fonte: Carvalho & Almeida (2013, p. 03)

Na pesquisa de Figueiredo (2007), foi utilizada duas amostras de épocas diferentes

(1980 e 2000) do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi constatado que além das variantes *mim* e *eu*, houve a ocorrência da variante nula (\emptyset), como podemos ver no gráfico 1, que representa percentuais de 19% para variante *mim*, 4% para a variante *eu* e 75% para a variante \emptyset , revelando, assim, que o *eu* é a variante menos utilizada.

Gráfico 1: Percentuais das variantes *mim*, *eu* e \emptyset segundo o PEUL:



Fonte: Figueiredo (2007, p. 42)

Para a análise dos dados, foram consideradas as variáveis sociais faixa etária, escolaridade e sexo/gênero. Cada uma das variáveis foi analisada a partir do recorte sincrônico dos anos 1980 e 2000. Nas tabelas 6 e 7, temos os resultados para a variante *mim*.

Tabela 6: Uso da variante *mim* na variável faixa etária 1980 e 2000 segundo o PEUL

| FATORES | 80(C) | | | 00(C) | | |
|---------|-----------|-----|-----|-----------|-----|-----|
| | APL/TOTAL | % | PR | APL/TOTAL | % | PR |
| 7-14 | 27/95 | 28% | .68 | 1/15 | 6% | .23 |
| 15-25 | 34/175 | 19% | .48 | 21/121 | 17% | .50 |
| 26-49 | 43/189 | 22% | .56 | 10/56 | 17% | .49 |
| + de 50 | 15/132 | 11% | .30 | 11/61 | 18% | .58 |

Fonte: Figueiredo (2007, p. 102)

Tabela 7: Uso das variantes *mim*, *eu* e \emptyset na variável escolaridade em 1980 e 2000 segundo o PEUL

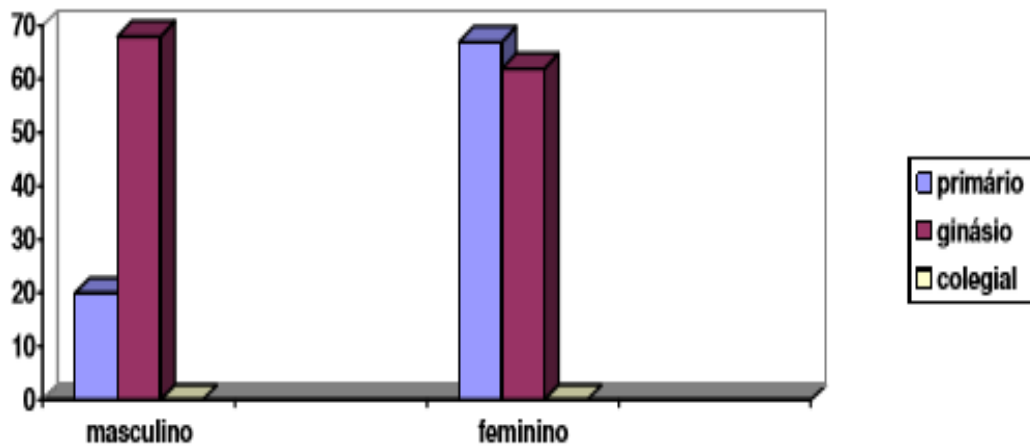
| | | 80(C) | | | | | | | | |
|--------|-------|-----------|----|-----|-----------|----|-----|------------|----|-----------|
| | | Primário | | | Ginásio | | | Colegial | | |
| Escola | Idade | APL/TOTAL | % | PR | APL/TOTAL | % | PR | APL/TOTAL | % | PR |
| | 7-14 | 18/74 | 24 | .60 | 9/36 | 25 | .63 | | | |
| | 15-24 | 15/70 | 21 | .49 | 6/30 | 20 | .62 | 13/75 | 17 | .47 |
| | 25-49 | 6/53 | 11 | .21 | 14/75 | 18 | .54 | 23/61 | 37 | .75 |
| | + 50 | 7/41 | 17 | .45 | 8/76 | 10 | .31 | 0/15 | 0 | Knock-out |
| | | 00(C) | | | | | | | | |
| | | Primário | | | Ginásio | | | Científico | | |
| Escola | Idade | APL/TOTAL | % | PR | APL/TOTAL | % | PR | APL/TOTAL | % | PR |
| | 7-14 | 0/11 | 0 | 0 | ¼ | 25 | .68 | | | |
| | 15-24 | 3/100 | 3 | .20 | 18/54 | 33 | .79 | 0/35 | | Knock-out |
| | 25-49 | 6/13 | 46 | .88 | 4/43 | 9 | .46 | | | |
| | + 50 | 9/33 | 27 | .74 | 2/6 | 33 | .82 | 0/22 | | Knock-out |

Fonte: Figueiredo (2007, p. 104)

Na tabela 6, verificamos que a variante *mim* é mais frequente, na década de 1980, entre os falantes de 7-14 anos – 28% e PR de .68, ao passo que, na década de 2000, quem mais usa são os falantes + de anos 50, com percentual de 18% e PR de .58. Em relação à variável escolaridade, observamos, na tabela 7, que tanto os falantes do primário quanto do ginásio de todas as faixas etárias, dos dois períodos analisados, utilizam a variante *mim*, com restrições apenas para os falantes do colegial e científico.

Em relação ao cruzamento da variável sexo/gênero e escolaridade, conforme gráfico 2, o autor aponta que a variante *mim* não ocorre no colegial, sendo mais frequente entre as mulheres do primário e do ginásio.

Gráfico 2: Cruzamento entre a variável sexo/gênero e escolaridade para os usos da variante *mim* nos anos 2000 segundo o PEUL



Fonte: Figueiredo (2007, p. 105)

Portanto, percebemos que a variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas por *para* não só pode ser explicada (como nos mostrou Bagno com as três hipóteses), como também é um fenômeno recorrente no PB, que se encontra encaixado na estrutura social. Vimos nas pesquisas sociolinguísticas que, em muitos casos, há a predominância da variante *mim* em detrimento a variante *eu*. Assim, a partir desses estudos, pretendemos analisar como os falantes universitários do sertão alagoano avaliam o uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas por *para*.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Para que possamos seguir com nosso estudo, fizemos, nesta seção, um apanhado dos pressupostos teóricos e metodológicos da teoria linguística que norteia este trabalho: a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008). Para tanto, apontamos inicialmente uma breve trajetória da ciência da linguagem do século XX e seus principais teóricos representantes – Saussure, Chomsky e Labov. Desse modo, após apresentarmos o que diz a Teoria da Variação e Mudança Linguística, discorreremos sobre a metodologia que utilizamos em nossa pesquisa, além das hipóteses e dos objetivos que nortearam este trabalho.

3.1 Linguística: a ciência da linguagem

Os estudos sobre a língua desenvolveram-se significativamente no século XX, a partir de cursos ministrados pelo teórico Ferdinand de Saussure⁴. Esses cursos resultaram na publicação do livro *Curso de Linguística Geral* (CLG), organizado e publicado pelos alunos do teórico após sua morte. Desse modo, Saussure ficou conhecido como o precursor e o responsável por delimitar a linguística enquanto ciência, fato que conferiu grandes avanços aos estudos sobre a língua.

Os pressupostos saussurianos, conhecidos como Estruturalistas, compreendiam a língua como homogênea e um conjunto de regras fixas. Desse modo, como afirmam Coelho *et al.* (2010), nos estudos estruturalistas, a língua

(i) é tomada em si mesma, separada de fatores externos; (ii) é vista como uma estrutura autônoma, valendo pelas relações de natureza essencialmente linguística que se estabelecem entre seus elementos. Ou seja, para Saussure, **a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma.** (COELHO *et al.*, 2010, p. 13 – grifo dos autores).

Nesse sentido, além de definir a língua como objeto de estudo, Saussure apresentou dicotomias e selecionou o que ele considerou como relevante para seus estudos. As dicotomias saussurianas eram: *langue* e *parole*, significante e significado, sintagma e paradigma e, por fim,

⁴ Teórico e pesquisador suíço responsável por dar à Linguística o status de ciência, ficando assim conhecido como o “pai” da Linguística Moderna. Sua biografia completa pode ser encontrada em: <<https://www.comunidadeculturaearte.com/as-estruturas-linguisticas-de-ferdinand-de-saussure/>>.

sincronia e diacronia. Levando isso em consideração, definiremos apenas a dicotomia *langue* e *parole*, por ser relevante para o nosso estudo.

Na dicotomia *langue* (língua) e *parole* (fala), Saussure seleciona apenas a língua, visando sua homogeneidade, e desconsidera a fala por ser heterogênea e um ato individual de realização, criando uma Linguística da Língua e uma Linguística da Fala e focalizando aquela. Nesse sentido, Saussure (2006[1916], p. 29) afirma, inclusive, que “essa Linguística se ocupa, todavia, de coisas importantes, e é sobretudo nelas que se pensa quando se aborda os estudos da linguagem”. Essa escolha acaba por excluir possibilidades de estudos sobre variação linguística e a relação que a língua possui com a sociedade na qual ela está inserida.

Entretanto, como afirmam Coelho *et al.* (2010, p. 14), observamos que “Saussure admite que a língua seja um fenômeno social, produto de uma convenção estabelecida entre os membros de determinado grupo; porém, os fatores externos ao sistema são deixados de lado por ele”. Esses fatores externos – a cultura, o modo de vida dos falantes em suas comunidades, a localidade etc. – não são levados em consideração nos estudos estruturalistas.

Nessa perspectiva, a partir das análises iniciadas por Saussure, outros teóricos voltaram-se para pesquisas e questões sobre a língua. Noam Chomsky, por exemplo, em meados da década de 50, propôs-se a estudar a língua como fator inato ao ser humano e seus estudos receberam o nome de Gerativismo ou Teoria Gerativa. Chomsky estava interessado em analisar a capacidade que os falantes têm em adquirir e compreender a linguagem. Desse modo, para os gerativistas, a língua

(i) é concebida como um sistema de princípios universais; (ii) é vista como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a competência. O que interessa ao gerativista é o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais. (COELHO *et al.*, 2010, p. 14).

Assim como nos estudos estruturalistas, os gerativistas também compreendiam a língua como homogênea e visavam um falante-ouvinte ideal pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea. Nesse sentido, eles acreditavam que a aquisição da linguagem, por ser um sistema inato ao ser humano, se dava de forma natural.

Podemos notar, portanto, que tanto a ideia de Saussure quanto a visão de Chomsky sobre os estudos em torno da linguagem não levam em consideração o contexto histórico-social, excluindo a diversidade cultural e social dos falantes nos estudos linguísticos, suas

particularidades e seus modos de vida, além de ver a língua como homogênea, interferindo significativamente em um estudo empírico da linguagem verbal humana.

3.2 A Sociolinguística Variacionista

Diante de estudos e reflexões linguísticas que analisavam a língua em si e por si mesma, excluindo a fala, a sociedade, a cultura e o modo de vida de seus falantes, despontou, nos estudos linguísticos, uma vertente que se interessava em analisar a língua e sua relação com a sociedade, de modo a estudar e buscar compreender determinados usos linguísticos levando em conta não somente o sistema, mas, sobretudo, a relação que a língua mantém com a comunidade de fala que a utiliza.

Dessa maneira, surge a Sociolinguística Variacionista, subárea da Linguística que tem como principal representante o teórico William Labov⁵ (2008 [1972]). É um campo de estudos que se propôs a analisar a língua enquanto heterogênea, propensa a variação e mudança através de diferentes fatores sociais dentro das comunidades de fala – ponto de vista que os estudos estruturalistas e gerativistas não abordavam.

Nesse sentido, Santos & Vitória (2011) enfatizam que

a sociolinguística (...) nasce como uma reação ao mito da homogeneidade e uniformidade do sistema linguístico e à ausência do contexto social evidenciado no estruturalismo e gerativismo. Sua tarefa principal é demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, através da articulação entre linguagem e aspectos de origem social e cultural. (SANTOS & VITÓRIO, 2011, p. 15).

Labov (2008, p. 140) afirma que “os procedimentos da linguística descritiva se baseiam na concepção da língua como um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, era natural considerar essas normas como invariantes (...)”. Notamos, portanto, que Labov discorda de Saussure e Chomsky e compreende que língua e sociedade estão conectadas e não podem

⁵ Linguista norte-americano que se preocupou em estudar a língua e sua relação com a sociedade, levando em conta as comunidades de fala e a heterogeneidade linguística. Sua biografia completa pode ser encontrada em: <<https://www.skoob.com.br/autor/8037-william-labov>>.

ser estudadas separadamente, tendo em vista que não haveria língua se não houvesse indivíduos que a falassem, sujeitos falantes de sociedades, culturas e costumes diferentes. Nesse sentido, os estudos sociolinguísticos voltaram seus olhares para além da língua, de modo a analisar o contexto social dos falantes para que os aspectos linguísticos pudessem ser compreendidos e analisados.

Desse modo, podemos dizer que

o objeto de estudo da Sociolinguística é a **língua em uso**, aquela utilizada pelos falantes nas mais diversas situações de interação social, seja ela realizada pela fala ou pela escrita. É a língua real que, assim como todas as línguas naturais do mundo, **exibe variações** em seus mais diferentes níveis – fonológico, morfológico, sintático, lexical, semântico etc. –, já que **nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea**; toda língua natural se constitui por (e como) um conjunto de variedades, não existindo supremacia linguística entre as línguas e nem entre as variedades de uma mesma língua. (MARINE & BARBOSA, 2016, p. 188 – grifo nosso).

Nessa perspectiva, os estudos sociolinguísticos acontecem quando há amostras que possibilitam as pesquisas. Os dados são coletados na comunidade de fala que se pretende estudar através de entrevistas, seja da fala ou sobre o que pensam os falantes de determinada comunidade, por exemplo. Entretanto, as entrevistas que visam analisar a fala, muitas vezes, fazem com que os indivíduos se monitorem. Segundo Labov (2008, p. 102), “de modo geral, uma entrevista que tem como objeto explícito a língua do falante alcançará um grau mais elevado na escala de formalidade do que a maioria das conversações”.

Desse modo, a teoria Laboviana, através de dados coletados e observados, diz que as línguas podem sofrer alterações e que determinadas formas de uso anteriormente utilizadas por uma comunidade, com o passar do tempo, podem cair em desuso, dando espaço para formas novas de uso. Nesse sentido, quando nos deparamos com um processo de variação não significa dizer que ocorrerá uma mudança, visto que há a possibilidade de duas formas variantes serem utilizadas sem que disso resulte mudança. Segundo Santos & Vitorio (2011),

antes a mudança linguística era vista como aleatória e indicava tanto o processo da mudança quanto a variação linguística, mas com o advento da Teoria da Variação, evidencia-se que toda mudança na língua advém de uma variação, mas nem toda variação implica mudança. (SANTOS & VITÓRIO, 2011, p. 19).

Com relação à variação linguística – nome dado por Labov para definir o processo que ocorre quando há duas formas de uso que correspondem a um só significado – os fatores que condicionam uma variação podem ser linguísticos ou sociais. Segundo Coelho *et al* (2010, p.

25), “a variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes”.

A variação linguística não ocorre somente entre as línguas, mas numa mesma língua, seja por questões regionais, culturais e sociais. No Português Brasileiro, por exemplo, há variação linguística entre um estado e outro, entre cidades do mesmo estado e, inclusive, entre bairros de uma mesma cidade, além da zona rural e urbana.

Reconhecer a variação em uma língua é compreender que essa mesma língua não pode ser considerada homogênea, visto que há uma multiplicidade e diversidade de formas de dizer algo. Sendo assim, para a Teoria da Variação e Mudança, as línguas são heterogêneas e ricas em diversidade. Desse modo, cada comunidade, por ter formas de vida diferentes e pessoas que também são diferentes, utiliza formas diversas de falar e usar a língua.

Nesse sentido, a teoria laboviana faz uma diferenciação entre o que seria *variedade linguística*, *variação*, *variável* e *variante*. Vejamos a seguir:

1) *Variedade*: diz respeito à forma que cada comunidade utiliza a língua, demarcando suas particularidades. Quem mora na região Sul do Brasil, por exemplo, utiliza a língua de forma diferente das pessoas que moram no Nordeste;

2) *Variação*: quando há formas diferentes de dizer uma mesma coisa. Um fenômeno variável em que duas ou mais variantes “disputam” um lugar e a depender do falante e dos fatores sociais será a escolhida no momento da fala;

3) *Variável*: representa a forma linguística, uma construção sintática que mostra quando há variação. Como nas frases “*esse livro é para eu ler*” e “*esse livro é para mim ler*”.

4) *Variantes*: corresponde às formas individuais que estão concorrendo na variável. Por exemplo: *mim* e *eu* são as variantes do nosso fenômeno em estudo.

A teoria Laboviana nos diz que essas vastas formas de uso da língua não são realizadas de forma aleatória, havendo regras de estruturação e regras variáveis que explicam esses fenômenos. Há também condicionadores que, segundo Coelho *et al.* (2010, p. 28), influenciam na “nossa escolha entre uma ou outra variante”.

Além disso, a variação linguística pode ocorrer em diferentes níveis, a saber:

- i. nível *lexical*;
- ii. nível *fonológico*;

- iii. nível *morfológico*;
- iv. nível *sintático*;
- v. nível *discursivo*.

A variação no nível *lexical* está ligada à pluralidade de formas e as opções que temos de dizer algo. Nesse sentido, diferentes regiões e comunidades fazem uso de uma variedade em detrimento à outra, fator que demarca características dessas localidades. Por exemplo: a fruta que se assemelha à laranja é conhecida no Nordeste como *mexerica*, enquanto na região Sul/Sudeste as pessoas a conhecem por *tangerina*.

No nível *fonológico*, a variação acontece na forma em que as palavras são produzidas. Por exemplo, a palavra *problema*, em algumas comunidades de fala ocorre variação, de modo que as pessoas falam *probrema*, trocando o /l/ pelo /r/, fenômeno conhecido por rotacismo. Esse tipo de variação não interfere de modo algum no sentido das palavras.

Temos, ainda, mais três níveis de variação. A variação de nível *morfológico*, como afirmam Coelho *et al.* (2010, p. 27), “encontramos variação, por exemplo, na marcação do infinitivo dos verbos (andar/andá, beber/bebê etc.)”. Além desses exemplos, temos também as construções *nós vamos/nós foi, tu fostes/tu foi*; conhecidas também por variação morfossintática. A variação de nível *sintático* está ligada às construções sintáticas e a organização dos elementos na oração. Temos, portanto, frases como *eu vi ele/eu o vi/eu vi-o, eu vi ela/eu a vi/ eu vi-a*, formas possíveis de se realizar no PB.

Por fim, temos a variação no nível do *discurso*, que diz respeito às expressões que utilizamos para intensificar o que estamos falando. Por exemplo, quando usamos as expressões *sabe, né, entendeu, aí, então* etc., pois são formas que auxiliam e dão apoio ao que está sendo dito.

Além dos níveis de variação citados anteriormente, a Sociolinguística Variacionista considera que há na língua variação extralinguísticas, a saber:

- i. variação *diatópica*;
- ii. variação *diafásica*;
- iii. variação *diastrática*;
- iv. variação *diamésica*.

Uma variação considerada *diatópica* é aquela cuja fala tende a identificar a região de onde pertence o falante. Como afirma Silva (2017, p. 38), “tal variação ocupa-se das formas

lexicais, assim como de determinados traços fonológicos de cada região”. Além disso, a variação *diatópica* pode também ocorrer numa mesma cidade, entre bairros e entre zona rural e urbana.

A variação *diafásica* está relacionada à situação comunicativa da qual os falantes estão inseridos, podendo ser formal ou informal. Nesse caso, um mesmo falante, conscientemente, pode adaptar a forma que irá utilizar a língua, a depender do contexto em que se encontra. Podemos perceber essa variação quando alguém usa a variedade formal em uma palestra no âmbito acadêmico, por exemplo, e ao conversar com familiares e amigos esse mesmo falante modifica a linguagem para a variedade informal.

A variação *diamésica* corresponde à diferença entre a fala e a escrita. Esse tipo de variação analisa as escolhas feitas pelos falantes ao usar a língua oral e a língua escrita, tendo em vista que, segundo Silva (2017, p. 38), “o primeiro [língua falada] possui um caráter mais espontâneo, sendo muitas vezes definido pela relação com o interlocutor, e o segundo [língua escrita], de certa forma, possui um maior tempo de planejamento para sua produção”.

Por fim, a variação *diatrática* é também conhecida como variação social, por estar relacionada aos fatores sociais como sexo/gênero, faixa etária, grau de escolaridade, etc. Nesse sentido, um falante idoso, por exemplo, pode apresentar usos linguísticos diferentes de um falante mais jovem. Além disso, falantes que tiveram acesso à escolarização tendem a utilizar a linguagem de forma diferente daqueles que não tiveram acesso. Desse modo, vejamos a seguir qual a contribuição/influência dos fatores pertencentes à essa variação:

1) *sexo/gênero*: esse fator influencia significativamente na escolha das variantes linguísticas. Labov (2008, p. 348), afirma que “a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística”. Nesse sentido, ficou perceptível para o autor que as mulheres podem escolher diferentes variantes quando comparada às escolhas dos homens, tendo em vista que determinados usos podem ser considerados inapropriados socialmente tanto para mulheres quanto para homens.

2) *faixa etária*: de grande relevância para os estudos linguísticos, esse fator diz muito quando se pretende analisar uma variação linguística, especialmente quando é pretendido verificar se está ocorrendo uma mudança em progresso. Nesse sentido, de acordo com Vitório (2011, p. 136), “com o aumento da faixa etária, o falante tende a apresentar um maior conservadorismo linguístico, enquanto que falantes mais jovens tendem ao emprego de formas não-padrão, por estarem mais propensos à utilização de variantes inovadoras”.

3) *grau de escolaridade*: esse fator está relacionado à ideia de que quanto mais avançado for o nível da escolaridade, o falante tenderá a fazer usos linguísticos mais monitorados e que pertençam à norma-padrão da língua por estarem em constante relação com a língua escrita e com as regras prescritas nas gramáticas normativas. Em contrapartida, falantes com baixa escolaridade tendem a utilizar a variedade não-padrão da língua. Coelho *et al.* (2010, p. 78) afirmam que “falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como *nós vai* ou a *gente vamos*, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem *nós vamos* e a *gente vai*” (grifos do autor).

Além dessas variáveis mostradas anteriormente, a teoria Laboviana apresenta também cinco problemas empíricos relacionados à mudança linguística, a saber:

- i. o problema de *transição*;
- ii. o problema de *encaixamento*;
- iii. o problema de *avaliação*;
- iv. o problema de *restrição*;
- v. o problema de *implementação*.

O problema de *transição* está ligado ao fato de que é improvável ocorrer uma mudança linguística de uma hora para outra, pois, para haver mudança, duas variantes coexistem e “disputam” durante determinado tempo, até que uma entra em declínio e a outra se torna a mais usada, resultando, assim, na mudança linguística. Segundo Labov (2008, p. 193), “o problema de transição é encontrar o caminho pelo qual um estágio de mudança linguística evoluiu a partir de um estágio anterior”.

O problema de *encaixamento* busca analisar como a variação e mudança linguística está encaixada na estrutura da língua e/ou na estrutura social. Coelho *et al.* (2010, p. 99) dizem que “o encaixamento pode ser observado quando estudos atestam uma correlação entre o fenômeno de mudança e a estrutura social (grupo socioeconômico, idade, sexo, escolaridade, etnia, localização geográfica). Nesse sentido, os fatores internos e externos à língua contribuem para compreender como a variação ou a mudança se encaixam na língua.

Com relação ao problema de *restrição*, compreendemos como aquele que busca analisar quais fatores internos e externos condicionam a variação e a mudança linguística. Nesse sentido, são realizados levantamentos desses fatores condicionantes, o que, segundo Coelho *et al.* (2010,

p. 96), “é importante no sentido de confirmar que a variação é inerente ao sistema linguístico, uma vez que o sistema linguístico é heterogêneo”.

O problema de *implementação* é aquele que se preocupa em analisar o porquê que determinada variação e mudança linguística ocorre em certos contextos e em outros não ou em certas regiões e não em outras (cf. COELHO *et al.* 2010).

Por fim, chegamos na *avaliação*, problema do qual nossa pesquisa focaliza. Esse problema tem por objetivo observar como os falantes avaliam certos usos linguísticos e se esses usos são percebidos pelos falantes, ou seja, se são estigmatizados ou prestigiados socialmente. Esse problema procura dar conta da seguinte questão: como uma comunidade de avalia determinado fenômeno linguístico variável?

Desse modo, de acordo com Coelho *et al.* (2010)

há um reconhecimento social sobre as formas que estão em variação e mudança que pode ser medido pelas reações negativas ou positivas dos falantes. Essas reações podem ser observadas nos resultados de testes de reação subjetiva, a partir de respostas das pessoas sobre os diferentes usos linguísticos em variação na comunidade de fala na qual estão inseridas. (COELHO *et al.* 2010, p. 103)

É importante levarmos em consideração que os falantes mantêm determinadas atitudes em relação à língua e são dessas atitudes que resultam cargas valorativas sobre fenômenos que estão em variação. Podemos citar, por exemplo, a variação presente em *nós vamos* e *nós vai*, em que os falantes avaliam de forma negativa a construção *nós vai* – por ser não-padrão – e de forma positiva a construção *nós vamos* – por ser uma variante padrão contemplada pela GN – (cf. VITÓRIO, 2018). Nessa perspectiva, a consciência do falante em avaliar se uma variante é boa ou não está relacionada, principalmente, com a cultura da gramática tradicional que vigora há muito tempo nas escolas e na sociedade.

Nesse sentido, a teoria Laboviana diz que há três elementos importantes a serem considerados sobre o problema da avaliação: *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos*. Os *indicadores* “são traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa” (LABOV, 2008, p. 360). Os *marcadores*, por sua vez, podem ser relacionados aos usos linguísticos que não costumam receber cargas de valor negativo pelos falantes, mesmo que essas formas não sejam contempladas pela GN. Os *estereótipos*, diferentemente dos dois outros elementos, são traços marcados de forma consciente pelos falantes. Nesse caso, certos usos linguísticos são avaliados pelos falantes e

podem receber prestígio ou estigma, a depender da comunidade de fala e da variedade linguística utilizada pela comunidade.

Nesse sentido, Coelho *et al.* (2010) afirmam que entre o uso e o valor social há uma correlação:

Variantes de maior prestígio estão associadas, quase sempre:

1) a estilos de fala mais formais e variantes de menor prestígio a estilos de fala mais informais (ao vernáculo); As formas mais conservadoras (e, em geral, mais prestigiadas);

2) são usadas majoritariamente no trabalho e as mais inovadoras na interação com os amigos (e familiares) e nas brincadeiras; (COELHO *et al.* 2010, p. 104)

Desse modo, no problema da *avaliação*, há interferência da variação diafásica, tendo que vista que a fala formal e/ou informal contribuem para a delimitação de carga de valor que os falantes mantêm sobre determinados usos linguísticos. Ainda: a depender da aceitação ou da rejeição sobre a variação analisada, os falantes podem acelerar ou retardar o processo de mudança linguística (COELHO *et al.* 2010, p. 104), pois se uma variante é analisada negativamente a mudança tende a ser barrada na comunidade de fala.

Diante desses fatores abordados, podemos perceber que a Sociolinguística Variacionista não se preocupa em analisar a língua por ela mesma, mas entende que é necessário (e indispensável!) levar em consideração os fatores externos à ela. Além disso, problemas como o da avaliação contribuem significativamente para a análise de determinada variação linguística, de modo a conduzir uma compreensão sobre a aceitação ou rejeição com relação às variantes e se elas são estigmatizadas ou prestigiadas socialmente.

Portanto, a sociedade, formada por pessoas diferentes, com vidas e realidades distintas, deve ser parte dos estudos linguísticos, tendo em vista que a língua só é efetivada quando há pessoas que a falem.

3.3 Metodologia da pesquisa

Para a realização de nosso trabalho sobre o que pensam os falantes universitários do sertão alagoano sobre o uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para*, realizamos algumas etapas:

- 1) fizemos um levantamento bibliográfico sobre a variação entre *mim* e *eu* no contexto sintático analisado, de modo que estudos gramaticais e pesquisas sociolinguísticas já realizadas sobre o tema pudessem colaborar com nosso estudo;
- 2) buscamos compreender e explicar os pressupostos teóricos-metodológicos da teoria Sociolinguística Variacionista que embasa nossa pesquisa;
- 3) coletamos os dados necessários para nosso estudo através de um questionário – teste de reação subjetiva – destinado aos falantes universitários do sertão alagoano;
- 4) quantificamos e analisamos os dados obtidos para compreender qual a norma subjetiva dos falantes sobre os usos dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para* no sertão alagoano.

3.3.1 Objetivos e hipóteses da pesquisa

À luz da Sociolinguística Variacionista, nosso trabalho tem por objetivo analisar a avaliação feita pelos falantes universitários do sertão alagoano sobre a variação pronominal entre *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas. Além disso, buscamos compreender se o fator linguístico de realização fonética da preposição *para/prá* condiciona a escolha entre uma variante a outra e se há estigmatização quanto ao uso do pronome não-padrão *mim* no contexto sintático em estudo. Desse modo, após a análise quantitativa dos dados coletados, buscamos responder às seguintes questões:

- i. O que os falantes universitários do sertão alagoano pensam sobre o uso das variantes *mim* e *eu* em posição de sujeito de frases infinitivas?
- ii. A variação fonética da preposição *para/prá* interfere na escolha entre uma variante e outra?
- iii. Há cargas valorativas sobre o uso dos pronomes *mim* e *eu* em posição de sujeito de frases infinitivas?

Para responder às questões postas, apresentamos as seguintes hipóteses:

- i. Tendo em vista que, na sociedade, há a forte presença da cultura gramatical normativista e que as escolas colaboram ainda mais nesse fator – o que significa considerar que

crenças linguísticas sobre o uso da língua são regidas por esses instrumentos sociais – pensamos que os falantes tendem a prestigiar a construção em que o pronome *eu* é sujeito de frases infinitivas e estigmatizar construções em que o pronome *mim* exerce a função de sujeito dessas mesmas frases;

ii. A variação fonética da preposição *para/pra* interfere na escolha das variantes propostas, tendo em vista que a variante *pra* é informal e tende a ser mais usada na fala;

iii. Há carga valorativas com relação aos usos dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas, visto que a sociedade tende a prestigiar variantes que são contempladas nas gramáticas normativas e estigmatizar aquelas que os compêndios gramaticais não abordam ou consideram como “erradas”. Desse modo, acreditamos que *eu* será a forma prestigiada socialmente enquanto *mim* é a variante estigmatizada.

Desse modo, para que nossas hipóteses sejam confirmadas ou refutadas, apresentamos os seguintes objetivos:

i. Analisar o que os falantes pensam sobre o uso das variantes *mim* e *eu* em posição de sujeito de frases infinitivas;

ii. Observar qual pronome foi o mais selecionado entre os informantes;

iii. Verificar se a variação fonética da preposição *para/pra* interfere na escolha de um pronome a outro;

iv. Analisar se há estigmatização com relação ao uso do pronome *mim* na posição de sujeito em frases infinitivas.

3.3.2 Coleta dos dados

Para desenvolvermos nosso trabalho, produzimos um questionário semiestruturado voltado para o fenômeno em análise. Desse modo, elaboramos 4 questões, que abordavam as variantes *mim* e *eu* e as realizações desses pronomes associadas às formas *para* e *pra*. Vejamos as questões conforme explicitadas a seguir:

1) Qual forma você acha melhor?

() Essa música é para eu ouvir

() Essa música é para mim ouvir

Por que?

2) Quando você está conversando com seu melhor amigo, você fala mais:

() Esse livro é para eu ler

() Esse livro é para mim ler

Por que?

3) Quando você está conversando com seu melhor amigo, você fala mais:

() Esse trabalho é para eu fazer

() Esse trabalho é pra eu fazer

Por que?

4) Quando você está conversando com seu melhor amigo, você fala mais:

() O material é para mim comprar

() O material é pra mim comprar

Por que?

Nesse sentido, considerando a comunidade selecionada – falantes universitários do sertão alagoano – partimos para a coleta dos dados e aplicamos o questionário para os estudantes dos cursos de Letras, Pedagogia, Engenharia Civil e Engenharia de Produção de diversos períodos da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – *Campus* Sertão em abril de 2018. Nossa amostra resultou em um total de 70 informantes. Entretanto, apenas 56 questionários foram considerados na nossa análise, visto que i) na universidade há estudantes de várias regiões além do sertão alagoano; e ii) alguns informantes não responderam o questionário completo.

Desse modo, a partir da coleta dos dados realizada com falantes universitários do sertão alagoano, analisaremos – na próxima seção – como os informantes avaliam os usos dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas. Para tanto, apresentamos gráficos que mostram os percentuais de escolhas entre uma variante e outra e refletimos, à luz da Sociolinguística Variacionista, os resultados que obtivemos com nossa pesquisa.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos a descrição e a análise dos dados obtidos por meio da entrevista-questionário realizada com os falantes universitários do sertão alagoano, com o intuito de mensurar o que eles pensam sobre o uso dos pronomes *mim* e *eu* em orações infinitivas iniciadas pela preposição *para*. Entretanto, antes de iniciarmos a discussão que este capítulo se propõe a realizar, fizemos uma análise qualitativa e algumas considerações sobre o fenômeno em estudo no banco de dados do Lusa (A Língua Usada no Sertão Alagoano), a fim de pontuarmos que, na comunidade de fala do sertão alagoano, há a variação em estudo em dados de produção sociolinguística.

4.1 O fenômeno em estudo no Lusa: dados de produção

O Lusa – projeto desenvolvido na UFAL / *Campus Sertão* – tem o objetivo de pesquisar e registrar, através de entrevistas gravadas, a língua falada pelos moradores das cidades localizadas no sertão alagoano. A amostra do projeto – coletada entre os meses de janeiro a setembro de 2015 – está estratificada de acordo com as variáveis escolaridade, sexo/gênero e faixa etária. O projeto conta com um banco de dados composto por um total de 96 informantes. Nesse sentido, de acordo com Vitorio (2017, p. 11), “os bancos de dados sociolinguísticos constituídos no Brasil, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, vêm permitindo descrições cada vez mais completas das variedades do português brasileiro”.

Nosso objetivo inicial era analisar a variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para* na fala dos sertanejos alagoanos através do banco de dados do Lusa. Entretanto, tendo em vista que o roteiro da entrevista não focalizava apenas em um fenômeno linguístico variável específico, observamos que houve poucas ocorrências das variantes *mim* e *eu* no contexto sintático analisado na amostra do projeto – o que impossibilitou nossa pesquisa com esses dados. Nesse sentido, para que pudéssemos realizar uma pesquisa através dos dados do Lusa, a entrevista necessitaria estar voltada para o fenômeno sintático que estamos estudando.

Todavia, mesmo com poucas realizações, percebemos que há variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para* na fala dos

sertanejos alagoanos, como podemos observar nos exemplos (8) e (9), o que nos motivou a aferir o que pensam os falantes sobre o uso desses pronomes nesse contexto sintático.

(8) L83 - *eu não - eu assim eu vendi um mungunzázinho - x mungunzá arroz doce **pra eu** vendê assim - cominhano pô aqui pô acolá mais parei tomém - graças a Deus me aposentei aí parei de vez - aí pronto - num já tem o meu o que Deus me deu então eu vô comê o que Deus me deu né?*

(9) L39 - *Olha na época era muita dificuldade - eu sou da zona rural e na época era:: muito difícil -- **pra mim** estudá eu andava:: duas légua na caminhada - não tem a facilidade que tem hoje aí então eu acabei desistindo - trabalhava na roça - no campo então eu acabei desistindo.*

No total, houve 12 realizações do fenômeno em estudo, sendo 5 com a variante *para eu*, e 7 com a variante *para mim*. Além disso, com relação à preposição *para*, constatamos que em todas as realizações do fenômeno só houve ocorrências da variante fonética *pra*, como podemos observar nos exemplos (10), (11) e (12).

(10) L89 - *cozinhar né inventar qualquer coisa **pra eu** num ficar assim parada - em casa//;*

(11) L86 - *A melhó viagem que eu fiz foi **pra** São Paulo - eu passei vinte e sete ano em São Paulo e eu adorei - se fosse **pra mim** í ho:je eu ia **pra** São Paulo;*

(12) L88 - *Posso sim (risos) - assi::m aqui:: eu venho substituí as meninas né? Eu venho substituí **pra** serviços gera::is aí eu varro as sala eu é:: ajudo na cozinha né? Depende de qualqué coisa assim que colocare **pra mim** substituí eu substituo - /mais, mas/ em casa eu num é? o meu dia a dia é o que que? Eu levo meu menino na escola - vou buscá - faço almoço - faço janta - cuidado das crianças e outras coisas.*

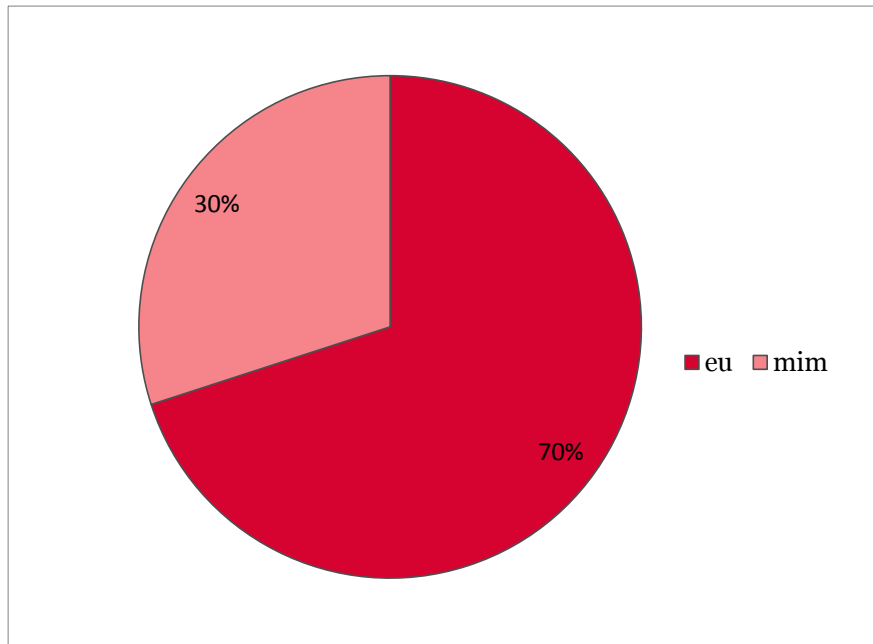
Entretanto, mesmo com as ocorrências analisadas no banco de dados do Lusa, o número obtido não foi suficiente para a pesquisa que pretendíamos realizar. Desse modo, optamos

focalizar a nossa pesquisa no problema da avaliação (LABOV, 2008), com vistas a verificar como os falantes universitários do sertão alagoano avaliam os usos dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas. Reiteramos que esse é um trabalho inicial, de modo que em pesquisas futuras pretendemos analisar a fala da comunidade escolhida através de entrevistas sociolinguísticas como propõe Labov (2008).

4.2 O fenômeno em estudo: dados de percepção

Tendo em vista que o PB é uma língua que comporta heterogeneidade, pois é falada por pessoas que moram e vivem em lugares diferentes, consideramos que a variação é inerente à língua e esse fator estará sempre em ocorrência. Nesse sentido, refletir sobre os usos dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para* como sendo uma variável dependente é reconhecer que a língua permite diversas possibilidades e que estas, portanto, não devem ser vistas como erro.

Na pesquisa avaliativa que realizamos com os falantes universitários do sertão alagoano, obtivemos um resultado significativo com um total de 224 respostas sobre a preferência dos falantes em relação ao uso dos pronomes *eu* e *mim*, sendo que 157 são referentes ao uso do *eu* como sujeito de frases infinitivas em oposição a 67 para o uso do *mim* na posição de sujeito precedidos pela preposição *para*. Esses resultados nos mostraram um percentual de 70% das respostas para a variante *eu* e 30% para a variante *mim* – como podemos observar no gráfico 3 – o que significa considerar que os falantes universitários do sertão alagoano julgam usar mais o *eu* em orações infinitivas iniciadas pela preposição *para*.

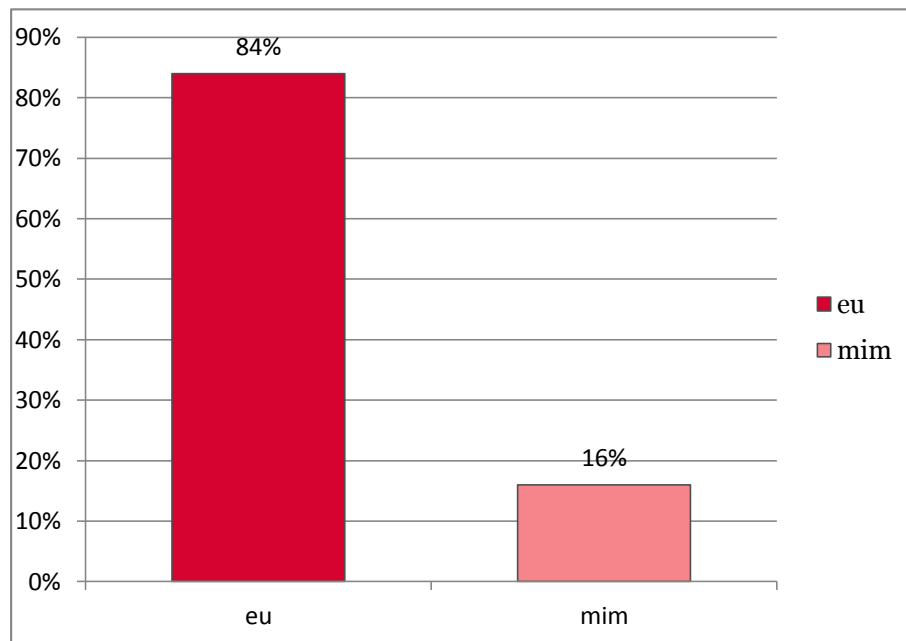
Gráfico 3: Percentuais gerais de *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas

Fonte: Elaborado pela autora

Esses dados mostram que o pronome *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para* foi o mais selecionado pelos informantes, o que parece contrariar os estudos de produção que tendem a mostrar que o pronome *mim* é o mais utilizado nesse contexto sintático, mas é importante ressaltar que as crenças dos falantes são regidas pelas convenções normativas, que elegem o pronome *eu*. O pronome *mim*, por sua vez, mesmo que em uma porcentagem menor, também aparece como selecionado pelos falantes, o que nos possibilita compreender que há variação entre esses pronomes, tendo em vista que tanto o *eu* quanto o *mim*, de acordo com nossa pesquisa, podem assumir a posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para*.

Com relação à questão *Qual forma você acha melhor*, obtivemos um resultado de 47 respostas para o pronome *eu* e 9 respostas para o pronome *mim*. Em percentuais, verificamos que 84% dos estudantes responderam que preferem utilizar o *eu* como pronome para ocupar a posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para* e apenas 16% optaram pelo pronome *mim*, como expomos no gráfico 4. Esses resultados sinalizam que os falantes universitários do sertão alagoano não só acreditam que usam mais o pronome *eu* nesse contexto sintático, como também julgam melhor a sua realização, o que pode ser um indício de que o uso do pronome *mim* não seja visto como bom por essa comunidade de fala.

Gráfico 4: Percentual das respostas à questão 1



Fonte: Elaborado pela autora

Analisando especificamente as respostas subjetivas propostas em nossa entrevista, verificamos que a maioria dos falantes disse que “mim não conjuga verbo”, o que, de acordo com as respostas dos informantes para essa questão, pode nos levar a pensar que há estigma com relação ao uso da variante *mim* entre os falantes universitários do sertão alagoano, confirmando nossa hipótese inicial. Encontramos, ainda, outras respostas para justificar a escolha da não preferência pelo uso do pronome *mim* em orações infinitivas iniciadas pela preposição *para*, conforme observamos em (13), (14), (15) e (16).

(13) Informante 1: “*Porque é o modo mais comum de se falar. Como se um hábito de falar errado nos dominasse*”;

(14) Informante 2: “*Porque a pronúncia soa melhor para mim*”;

(15) Informante 3: “*Porque é a forma correta de falar*”;

(16) Informante 4: “*É o correto*”.

Podemos notar que a variante *mim*, no contexto sintático analisado, classifica-se como um estereótipo, visto que recebe julgamento social e estigma em seu uso. Nesse sentido, diante de respostas como as expostas anteriormente, percebemos que o mito sobre haver uma língua certa e outra errada ainda é mantido e perpetuado entre os falantes. Respostas como a do informante 4 (“Porque é a forma correta de falar”), leva-nos a pensar que, se há uma forma “correta”, há também outra “incorreta”.

Encontramos, ainda, uma resposta que chamou nossa atenção. A justificativa do informante com relação à escolha da variante *eu* não foi baseada em uma língua certa ou errada, mas no sentido que o enunciado lhe possibilitou. Vejamos:

(17) Informante 5: *“Porque quando eu falo ‘essa música é para eu ouvir’ compreendo que sou eu que irei ouvir a música. E se falasse ‘para mim ouvir’, daria a entender que a música que iria me ouvir, o que não faria sentido”*.

Com relação aos informantes que selecionaram o pronome *mim* como sujeito das frases infinitivas, encontramos as seguintes explicações:

(18) Informante 6: *“Pelo costume de usar o ‘mim’; é de tal forma que quando ouço alguém trocar pelo ‘eu’ acabo estranhando”*;

(19) Informante 7: *“Ao ser pronunciado dá um sentido melhor a frase”*.

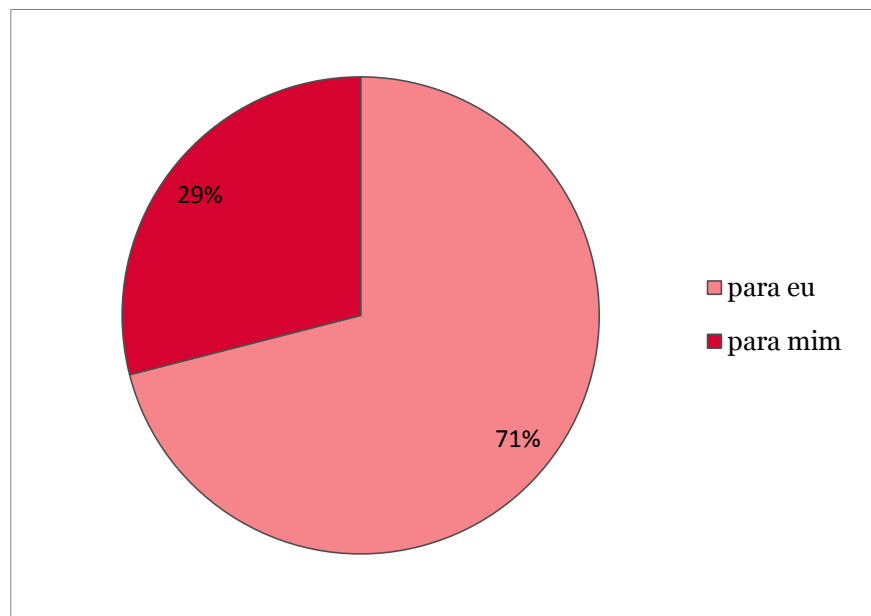
Nessa perspectiva, afirmativas como as dos informantes 6 e 7, conforme (18) e (19), são significativas para refletirmos que a forma *para mim + infinitivo* está sendo usada comumente pelos falantes universitários do sertão alagoano. Desse modo, mesmo que esses falantes tenham conhecimento do que está posto nas gramáticas normativas, na língua em uso, o pronome *mim*, ao menos nesse contexto sintático, é utilizado por eles.

Nesse sentido, as respostas dos informantes nos possibilitaram perceber como a tradição gramatical normativista ganha força nas questões sobre língua – afirmações como as dos informantes 3 e 4, conforme (15) e (16), são um reflexo disso. Embora a variante *mim* também

tenha sido escolhida, percebemos que o mito de uma língua correta (e outra errada) continua presente nos mais variados discursos, de modo que o *mim* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para* ainda receba estigma social.

Com relação à questão 2: *Quando você está conversando com seu melhor amigo, você fala mais: esse livro é para eu ler ou esse livro é para mim ler*, nosso objetivo era verificar qual forma seria mais selecionada pelos informantes: *para eu* ou *para mim*, tomando por base a não contração da preposição. Após a análise dos dados obtidos, quantificamos 40 respostas com a forma *para eu* e 16 respostas com relação à forma *para mim*. Em dados percentuais, obtivemos 71% e 29%, respectivamente, como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 5: Percentuais com relação à questão 2



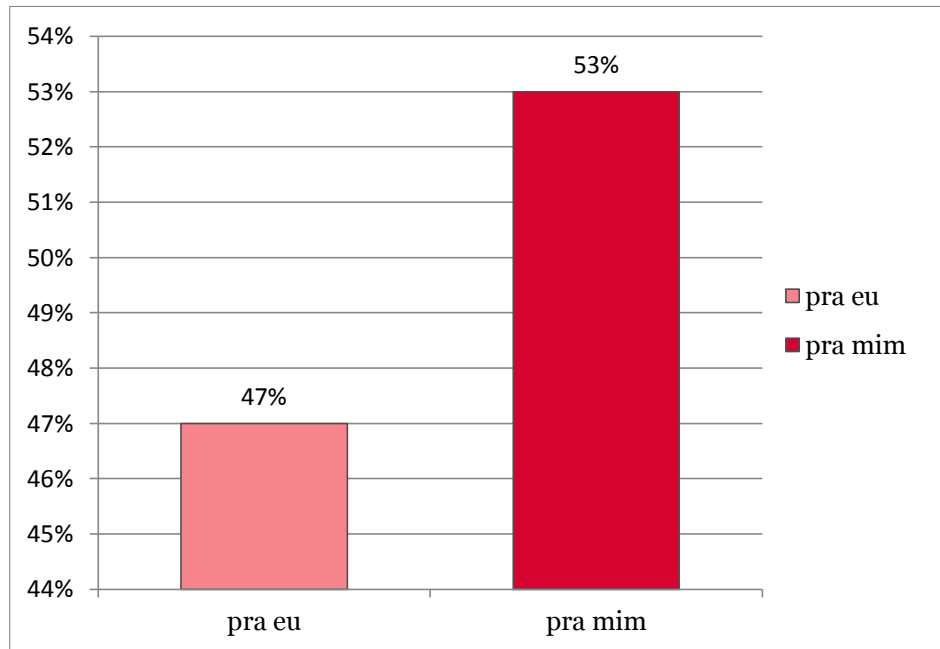
Fonte: Elaborado pela autora

Os percentuais evidenciam que os falantes universitários do sertão alagoano acreditam utilizar mais a forma *para+eu*, o que nos permite refletir que esse resultado pode ser condicionado por essa ser a forma canônica presente nas gramáticas normativas, visto que *para+mim* é a variante que foge das prescrições gramaticais, além de ser estigmatizada socialmente, corroborando, assim, os dados descritos mais acima.

Em seguida, com o objetivo de observar qual a escolha dos informantes com relação à variação fonética da preposição *para/pra* e se ela condiciona a escolha entre os pronomes *mim*

e *eu*, focalizamos aqui atuação da contração de *para* > *pra*. Em dados gerais, obtivemos um total de 28 respostas com a forma *pra eu* e 32 respostas a variante *pra mim*. Nesse sentido, constatamos um percentual geral de 47% *pra eu* e 53% *pra mim*, exposto no gráfico 6.

Gráfico 6: Percentuais gerais de escolha das variantes *pra eu* e *pra mim*

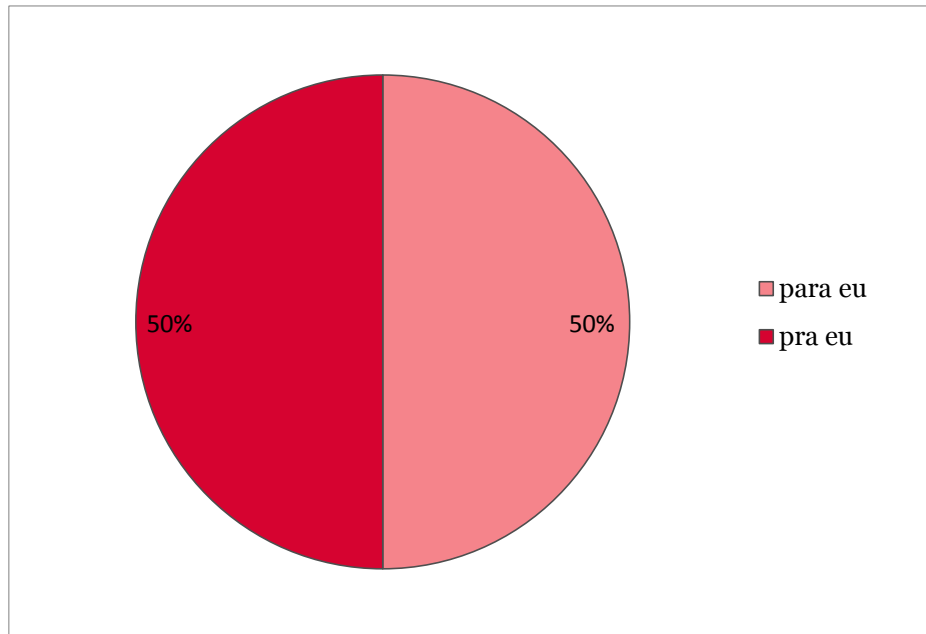


Fonte: Elaborado pela autora

Através dos dados obtidos – 47% para a forma *pra eu* e 53% para a forma *pra mim* – verificamos que a preposição *para/pra* condiciona a escolha entre uma variante e outra, tendo em vista a forma *pra mim* foi a mais selecionada, o que significa considerar que as normas subjetivas dos falantes preferem mais a forma *pra mim*, o que pode ser um indício de que a forma *pra eu* não seja bem vista nessa comunidade de fala. Nesse sentido, confirmamos nossa hipótese inicial ao inferirmos que a variação fonética da preposição *para/pra* condiciona a escolha desses pronomes, com a forma *pra mim* sendo a preferida pelas informantes.

No que diz respeito às formas *para eu* e *pra eu* da questão 3: *Quando você está conversando com seu melhor amigo, você fala mais: esse trabalho é para eu fazer ou esse trabalho é pra eu fazer? Por que?*, obtivemos 28 respostas para a forma *para eu* e a mesma quantidade para a forma *pra eu*, resultando em um percentual de 50% para ambas as variantes, como podemos observar no gráfico 7.

Gráfico 7: Percentuais dos resultados correspondentes à questão 3



Fonte: Elaborado pela autora

Diante dos dados expostos no gráfico 7, verificamos que a variação fonética da preposição *para/prá* não interfere no uso da variante *eu*, tendo em vista que obtivemos o mesmo percentual para ambas as formas – 50%. Ao analisarmos as respostas subjetivas dos informantes para essa questão, conforme (20), (21) (22) e (23), verificamos que não há nenhuma estigmatização quanto à variante fonética *pra*, mesmo sendo a variante *para* a única reconhecida pelas gramáticas normativas. Desse modo, podemos dizer que *pra* pode ser vista como um *marcador*, tendo em vista que essa forma, apesar de não estar prescrita nas gramáticas normativas, é utilizada pelos falantes sem receber valor negativo.

(20) Informante 8: “*Estamos vivendo em um momento histórico em que o mais rápido e prático é utilizado por grande parte da sociedade – inclusive eu – ou seja, isso é uma construção da sociedade aceita por parte dela*”;

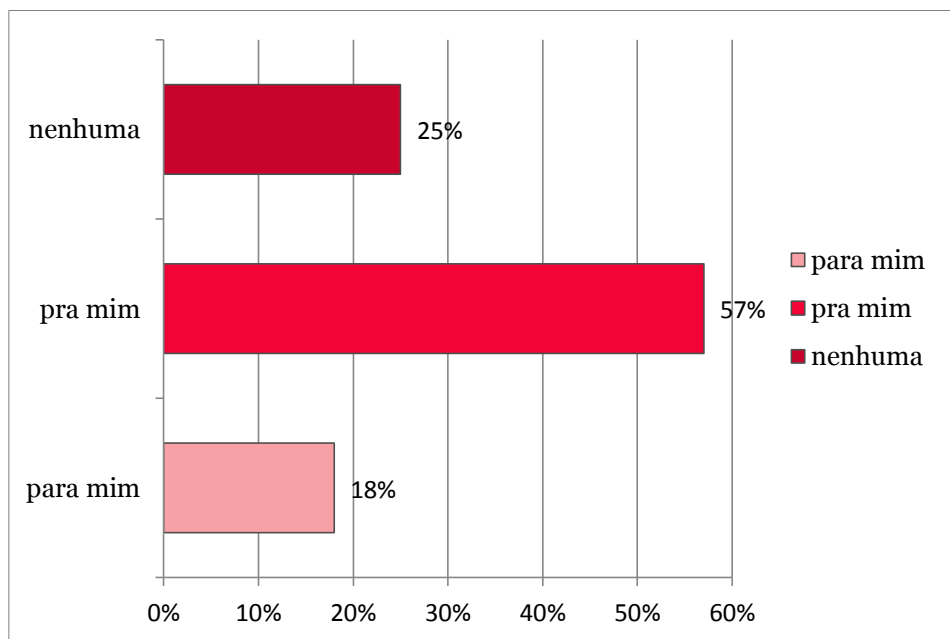
(21) Informante 9: “*Porque já é costume usar o ‘pra’*”;

(22) Informante 10: “*Para ser mais objetivo*”;

(23) Informante 11: “*Porque é mais prático de ser falar*”.

Com relação à variação fonética da preposição *para/prá* + *mim*, referente à questão 4: *Quando você está conversando com seu melhor amigo, você fala mais: o material é para mim comprar ou o material é pra mim comprar? Por que?*, constatamos que além das duas opções propostas por nós nessa questão, alguns informantes disseram não usar nenhuma delas. Nesse sentido, quantificamos um resultado de 10 respostas para a forma *para mim*, 32 respostas com relação à variante *pra mim* e 14 respostas marcadas como nenhuma das opções. Em dados percentuais, verificamos que 18% dos informantes preferem a forma *para mim*, 57% optaram pela variante *pra mim* e 25% disseram não utilizar nenhuma das opções, como podemos observar no gráfico 8.

Gráfico 8: Percentual de respostas referentes à questão 4



Fonte: Elaborado pela autora

Esses dados nos possibilitaram perceber que as normas subjetivas dos falantes em relação à variação fonética da preposição *para/prá* condiciona a escolha do pronome *mim* e que a forma *pra mim* foi a mais selecionada pelos informantes. Desse modo, vejamos algumas explicações que encontramos para essa escolha nas respostas subjetivas dos informantes:

(24) Informante 12: “É mais fácil”;

(25) Informante 13: “*É automático*”;

(26) Informante 14: “*A pronúncia se torna melhor*”.

Diante desses dados, percebemos que os informantes que optaram pela forma *pra mim*, talvez inconscientemente, não focalizou o pronome *mim*, mas a preposição *pra*. Desse modo, constatamos que, de fato, a variante fonética *pra* interfere no uso desse pronome, especialmente pelo percentual exposto pelo gráfico 8.

No que diz respeito àqueles que optaram pela variante *para mim*, em suas respostas subjetivas, responderam que:

(27) Informante 15: “*Acho essa a forma correta*”;

(28) Informante 16: “*Essa pronúncia é a mais correta*”;

(29) Informante 17: “*É o correto*”.

Desse modo, podemos perceber, através dessas respostas, que esses informantes também focalizaram na preposição *para*, tendo em vista que é essa a variante prescrita nas gramáticas normativas, fator que explica respostas como as dos informantes 15, 16 e 17, como (27), (28) e (29). Além disso, a variante fonética *para* também condiciona o uso do pronome *mim*.

Para aqueles que optaram por nenhuma das alternativas, de acordo com suas respostas subjetivas, afirmaram que:

(30) Informante 18: “*As duas questões estão erradas*”;

(31) Informante 19: “*Nenhum dos dois, costumo usar ‘para eu comprar’*”;

(32) Informante 20: “*Nenhum, sempre uso ‘eu’ antes do verbo*”;

(33) Informante 21: “*Nenhuma, pois ‘mim’ não conjuga verbo*”.

Essas respostas reforçam, portanto, o estigma que o pronome *mim* em posição de sujeito em orações infinitivas iniciadas pela preposição *para* recebe nas avaliações feitas pelos falantes universitários do sertão alagoano, sendo associado à forma não prescrita pela norma padrão, logo vista como errada pelo senso comum.

4.3 Uso do *mim* como sujeito de orações infinitivas: estigmatização e preconceito linguístico na sociedade

Mediante nossa análise sobre o que pensam os falantes universitários do sertão alagoano sobre a variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas antecidas por *para*, compreendemos que é necessário refletir sobre a variante não-padrão *mim* no contexto sintático analisado, visto que seu uso recebe avaliação negativa pelos falantes. Compreendemos que isso se dá, principalmente, pelo fato de que foi construída historicamente a ideia de haver uma língua “certa” e outra “errada”, tendo por base o que está posto na GN. Inclusive,

essa confusão entre fazer julgamento à língua e julgamento ao falante é um dos fatores que permitem a existência e a perpetuação do preconceito linguístico em nossa sociedade. Com o falso argumento de que uma construção é, em si, “errada”, abre-se espaço para que taxemos de ignorantes (entre outros adjetivos) os falantes que fazem uso dessa construção. (COELHO *et al.*, 2010, p. 31)

Nessa perspectiva, analisando as respostas subjetivas dos informantes através de nossa entrevista-questionário, percebemos que há estigmatização quanto ao uso do pronome *mim* como sujeito de sentenças infinitivas iniciadas por *para*. Diante dessas respostas e por encontramos a todo momento, nas redes sociais virtuais, *posts*/imagens que disseminam o preconceito linguístico, apresentamos a seguir algumas reflexões sobre essas questões.

4.3.1 “É feio dizer ‘para mim fazer’”: Preconceito linguístico ou social?

Como vimos, o pronome *mim* parece ser um traço linguístico socialmente marcado e os sujeitos que fazem uso desse pronome em posições sentenciais não abordadas pela GN tendem

a ser estereotipados como pessoas que não sabem falar ou que falam “errado”, sofrendo, portanto, estigmatização social e preconceito linguístico.

Nesse sentido, com relação ao uso do *mim*, foram construídos estereótipos sociais negativos, resultando, portanto, na estigmatização dessa variante linguística. Nessa perspectiva, o termo *estigmatização* significa a atribuição negativa que determinada forma linguística sofre na sua comunidade de fala. De acordo com Labov (2008, p. 360), “*estereótipos* são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (grifo do autor). Ou seja, a partir dos estereótipos construídos, formas linguísticas podem receber avaliação negativa (ou positiva), a depender da comunidade de fala.

Desse modo, há determinadas formas (mesmo que não sejam consideradas pela GN) que recebem prestígio social, enquanto outras são desprestigiadas socialmente por receberem avaliação negativa. Em vista disso, através de nosso estudo podemos considerar que o uso do pronome *mim* como sujeito de frases infinitivas é estigmatizado socialmente.

Nesse sentido, sujeitos que fazem uso do *mim* na posição de sujeito em frases infinitivas antecedidas por *para* acabam sofrendo preconceito linguístico, que é uma forma camuflada de preconceito social. Dessa maneira,

o que existe, de fato, é um profundo e estranhado *preconceito social*. Se discriminar alguém por ser negro, índio, pobre, nordestino, mulher, deficiente físico, homossexual etc. já começa a ser considerado “publicamente inaceitável” (o que não significa que essas discriminações tenham deixado de existir) e “politicamente incorreto” (lembrando que o discurso “politicamente incorreto” é quase sempre pura hipocrisia), fazer essa mesma discriminação com base no modo de falar da pessoa é algo que passa com muita “naturalidade, e a acusação de “falar tudo errado”, “atropelar a gramática” ou “não saber português” pode ser proferida por gente de todos os espectros ideológicos, desde o conservador mais empedernido até o revolucionário mais radical. (BAGNO, 2003, p. 16 – grifos do autor)

Desse modo, a estigmatização quanto ao uso do pronome *mim* em frases infinitivas é mais uma forma de preconceito social (e não simplesmente linguístico) contra sujeitos que tendem a produzir essas construções. Inclusive, podemos perceber em diversos espaços sociais como os discursos preconceituosos são disseminados e compartilhados, especialmente nas redes sociais virtuais, com o advento da internet. Nesses novos espaços, imagens com frases preconceituosas são postadas e compartilhadas a todo momento: os chamados *memes*.

De acordo com Marques & Paiva (2013, p. 03), “de um modo geral, o meme é uma figura ou frase utilizada de forma repetida. Os memes, sob o olhar da comunicação via web, podem ser considerados uma evolução dos chamados *emoticons*”. Diante dessa nova forma de interação social/virtual, falantes que fazem uso de formas linguísticas não-padrão têm sido alvos de discriminação e preconceito nesse espaço que tem se tornado cada vez mais presente na vida dos sujeitos sociais.

Nessa perspectiva, podemos encontrar alguns *memes* que reforçam a ideia de que usar o *mim* na posição de sujeito em orações infinitivas iniciadas pela preposição *para* é “errado” e “feio”, como podemos ver nas imagens presentes na figura 1:

Figura 1: *Memes* relacionados ao pronome *mim* no contexto sintático em estudo



Fonte: Redes sociais

Diante de imagens como as expostas anteriormente, podemos perceber que, de fato, o uso do pronome *mim* como sujeito de infinitivas é estigmatizado na sociedade. A expressão “não basta ser pobre, tem que falar ‘pra mim fazer’”, presente no segundo *meme* selecionado na figura 1, confirma a ideia de que não há preconceito estritamente linguístico, mas social.

Nessa perspectiva, vemos que discursos preconceituosos estão impregnados nos mais diversos espaços sociais, seja de forma consciente ou inconsciente, é o que verificamos também na imagem 2, em que o uso da sentença *No Brasil, seria muito difícil para mim fazer um curso de Medicina*, com *mim* ocupando o espaço de *eu*, serve de motivo para a estudante de medicina ser desqualificada, pondo em cheque sua futura atuação profissional.

Figura 2: Reação ao uso de “para mim fazer”



Fonte: Dicionarioagramatica.com.br

Entretanto, embora haja estigmatização com o uso da variante *mim* em frases infinitivas, essa construção existe no PB e está se tornando cada vez mais frequente, inclusive na fala das pessoas consideradas cultas, como “advogados, engenheiros, médicos, empresários e professores, incluindo os de língua portuguesa” (BAGNO, 2012. p. 729).

Assim, reiteramos, portanto, que o preconceito linguístico é mais social do que propriamente linguístico. Discriminar as pessoas através da língua que elas utilizam é uma forma menos perceptível, mas não menos preconceituosa. Afirmações como “mim não faz nada”, “quem fala ‘para mim fazer’ é burro” ou que “mim não conjuga verbo” não passam de tentativas falhas para explicar o preconceito perpetuado e disseminado socialmente.

Nas palavras de Bagno (2012), “a construção *para mim + infinitivo*, portanto, está longe de ser uma aberração ou sinal de ignorância”, visto que é uma forma linguística comumente encontrada no PB. Portanto, com um pouco de estudo e reflexão sobre esse fenômeno, podemos perceber que o uso do *mim* como sujeito de infinitivas iniciadas pela preposição *para* não só é recorrente na língua – inclusive na variedade culta – como poder ser explicado, de modo que os discursos preconceituosos e discriminatórios deixam de fazer qualquer sentido (se é que houve algum dia).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos, através da coleta de dados por meio de uma entrevista-questionário, como os falantes universitários do sertão alagoano avaliam o uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para*. Além disso, refletimos sobre a estigmatização e o preconceito linguístico/social através das respostas subjetivas dos informantes. Refletimos, inclusive, que os falantes, ao fazerem uso do pronome *mim* no contexto sintático estudado, sofrem discriminação pela forma linguística que utilizam, especialmente através da internet, por meio do compartilhamento de *memes* que contribuem para a propagação do preconceito.

Tomando como base o que diz a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008[1972]), reconhecemos que o problema da avaliação contribui significativamente para mensurarmos o que pensam os falantes sobre determinadas formas linguísticas e se essas, portanto, são estereotipadas socialmente, seja por prestígio ou estigmatização.

Desta maneira, a partir da análise dos gráficos que mostraram os percentuais de escolha dos informantes com relação às variantes em estudo e por meio das respostas subjetivas, buscamos responder às questões que propusemos inicialmente neste trabalho, a saber: i) O que os falantes pensam sobre o uso das variantes *mim* e *eu* em posição de sujeito de frases infinitivas iniciadas pela preposição *para*?; ii) Tendo em vista o processo de contração da preposição *para* > *pra*, essa variação fonética interfere na escolha entre uma variante e outra?; e iii) Há estereotipação com relação ao uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para*?

Para responder a essas perguntas, formulamos algumas respostas prévias buscando dar conta do que propomos analisar. Sendo assim, consideramos que: i) sendo os falantes universitários, sujeitos escolarizados e que tiveram/têm acesso à norma padrão da língua, a variante *eu* é a mais selecionada pelos informantes, visto que *mim* é uma forma não-padrão; ii) a contração de *para* > *pra* interfere na escolha de uma variante a outra; iii) há a marcação de estereótipos sociais sobre o uso dos pronomes em análise, tendo em vista que os falantes tendem a prestigiar formas padrão – presentes na gramática normativa – e estigmatizar variantes não-padrão.

A partir da análise dos percentuais de escolha através dos dados obtidos, pudemos confirmar nossas hipóteses – conforme expostas anteriormente – visto que, de fato, os

informantes disseram que preferem usar o pronome *eu* nesse contexto sintático em detrimento ao pronome *mim*. Além disso, constatamos que a variação fonética da preposição *para/pra* interfere somente na escolha da variante *mim*, visto que com relação ao pronome *eu* a variação da preposição não condicionou sua escolha. Com relação aos estereótipos, nossa hipótese inicial foi confirmada: a variante padrão *eu* é prestigiada enquanto a variante não-padrão *mim* recebe estigmatização social.

Desse modo, a partir da análise dos percentuais de escolha das variantes, em dados gerais, constatamos que 70% dos informantes disseram que preferem o *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas, e apenas 30% acreditam usar o pronome *mim* nessa posição sintática. Esses resultados nos possibilitaram constatar que os falantes universitários do sertão alagoano julgam usar mais o pronome *eu* em orações infinitivas iniciadas pela preposição *para*.

Além disso, vimos também que, em relação à contração da preposição *para > pra*, a variação fonética condiciona a escolha das variantes *mim* e *eu* no contexto sintático analisado, pois obtivemos um percentual de 53% para a variante *mim* e 47% para *eu*. Nesse sentido, confirmamos nossa hipótese inicial ao inferirmos que a variação fonética da preposição *para/pra* condiciona a escolha desses pronomes, com a forma *pra mim* sendo a preferida pelas informantes.

Ainda com relação à variação fonética da preposição *para > pra*, foi possível constatar que essa variação não condiciona a escolha da variante *eu* no contexto sintático analisado. Entretanto, com relação à variante *mim*, constatamos que a variação fonética da preposição interfere na escolha. Foi possível perceber, ainda, que alguns informantes não escolheram nenhuma forma, pois justificaram afirmando que “*mim* não faz nada”, embasados pelas regras prescritas na GN.

Com relação às respostas subjetivas dos informantes nas questões propostas no questionário, de modo geral, percebemos que a variante padrão *eu* recebe prestígio nessa comunidade de fala por ser contemplada pela GN. A variante *mim*, por sua vez, é estigmatizada por ser uma forma não-padrão. Essas respostas reforçam, portanto, o estigma que o pronome *mim* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para* recebe na avaliação feita pelos falantes universitários do sertão alagoano, sendo associado à forma não prescrita pela norma padrão, logo vista como errada pelo senso comum.

Desse modo, tendo em vista que a estigmatização resulta no preconceito linguístico/social, vimos – através dos *memes* – que a ideia de erro é perpetuada nas redes

sociais/virtuais de forma natural. As frases presentes nos *memes* compartilhados na rede reforçam a ideia de que usar a forma *para mim* é “errada”, e o falante que utiliza essa variante é “burro”, mais um fator que nos possibilitou perceber que o preconceito é mais social do que de fato linguístico.

Sendo assim, podemos afirmar que, na comunidade estudada, os falantes não só julgam usar mas também acham melhor a variante *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas em detrimento à variante *mim*, e que esta última, portanto, recebe avaliação negativa e estigmatização social. Esses resultados contribuem para traçar o perfil sociolinguístico sobre o problema da avaliação que fazem os falantes universitários do sertão alagoano.

Portanto, concluímos que: i) nossas hipóteses iniciais foram confirmadas; ii) nossos objetivos propostos na pesquisa foram alcançados; e iii) a Sociolinguística Variacionista contribuiu significativamente para que pudéssemos compreender os resultados obtidos e explicar o fenômeno que nos propomos a analisar.

Assim, a partir deste trabalho inicial sobre o problema da avaliação linguística, pesquisas futuras podem ser desenvolvidas visando, entre outros objetivos:

i. Analisar a fala da comunidade estudada para perceber se, na língua em uso, os falantes universitários do sertão alagoano tendem a usar mais a variante padrão *eu* ou a variante não-padrão *mim*;

ii. Analisar se a variante não-padrão *mim* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para* continua sendo estigmatizada pela comunidade de fala.

Mediante tudo o que foi mencionado, esperamos que esta pesquisa tenha contribuído para a compreensão do problema da avaliação linguística na comunidade de fala estudada sobre a variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição *para*. Esperamos, ainda, que os resultados do nosso estudo possam contribuir para futuras pesquisas sociolinguísticas, seja com relação ao problema da avaliação ou sobre outras perspectivas de estudo.

6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 46 ed. São Paulo: Saraiva, 2005
- ALMEIDA, Norma; CARVALHO, Jeany. **Variação entre as formas “preposição + eu e preposição + mim” no português popular de Feira de Santana**. Feira de Santana: Seminário de Iniciação Científica da UEFS, 2013.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- _____. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- _____. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- COELHO, L.L *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008
- FIGUEIREDO, J.R.M. **Variação e Mudança no uso do sujeito de primeira pessoa do singular em orações infinitivas iniciadas por “para” na fala carioca**. Faculdade de Letras – UFRJ, 2007.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

MARINE, Talita C.; BARBOSA, Juliana B. **Em busca de um ensino sociolinguístico de língua portuguesa no Brasil**. Signum: Estud. Ling. Londrina, n. 19/1, p. 185-215, jun. 2016.

MARQUES, Heloisa de Leiros; PAIVA, Claudio Cardoso de. **Comunicação e memes: Uma análise do discurso sócio-virtual do Willy Wonka Irônico**. Intercom Nordeste: Londrina, 2013.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RODRIGUES, Fernanda G. C. **Concordância verbal com o pronome a gente no sertão alagoano**. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas: Delmiro Gouveia, 2018.

SANTOS, R.L.A; VITÓRIO, E.S.L.A. Teoria da variação e mudança linguística. In.: COSTA, J.F; SANTOS. R.L.A; VITÓRIO, E.S.L.A (orgs.). **Variação e Mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2011.

SILVA, Suziane de Oliveira Porto. **A variação de você e cê na fala dos sertanejos alagoanos**. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas: Delmiro Gouveia, 2017.

SIQUEIRA, J. M. **Variação entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto no sertão alagoano**. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas: Delmiro Gouveia, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally; Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 2006.

VILELA, Mario; KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da Língua Portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

VITÓRIO, E.S.L.A. Sobre ter e haver existencial na norma culta alagoana. In.: COSTA, J.F; SANTOS. R.L.A; VITÓRIO, E.S.L.A (orgs.). **Variação e Mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2011.

VITÓRIO, Elyne S.L.A. **A língua usada no sertão alagoano: constituição da amostra**. Trabalho apresentado no III Estudos em Linguagem do Sertão. Delmiro Gouveia, jun. 2017.